

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DAYANA RÚBIA CARNEIRO

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO PRETÔNICO NA CIDADE DE
ARAGUARI-MG**

Uberlândia
2011

DAYANA RÚBIA CARNEIRO

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO PRETÔNICO NA CIDADE DE
ARAGUARI-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C289a Carneiro, Dayana Rúbia, 1986-
2011 O alçamento vocálico pretônico na cidade de Araguari-MG / Dayana
Rúbia Carneiro. - Uberlândia, 2011.
106 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguística – Teses. 2. Linguagem popular – Araguari (MG) -
Teses. I. Magalhães, José Sueli de. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

DAYANA RÚBIA CARNEIRO

**O ALÇAMENTO VOCÁLICO PRETÔNICO NA CIDADE DE
ARAGUARI-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 27 de outubro de 2011.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (Orientador) - UFU

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa - UFTM

Profa Dra. Simone Azevedo Floripi - UFU

A Deus, por estar sempre presente, dando-me
força e coragem para conquistar meus sonhos.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram
aos estudos.

Ao meu irmão Nivaldo, pelo estímulo e
carinho.

Ao professor José Sueli de Magalhães, meu
orientador, pela orientação e pela confiança.

À minha amiga, Naama, por me confortar nos
momentos de angústia.

Ao Walisson, pelo amor, compreensão,
paciência, sempre...

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, pela oportunidade de crescer intelectualmente, paciência, dedicação e pelos ensinamentos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pela bolsa concedida durante os dois anos da pesquisa.

Aos informantes desta pesquisa, os quais me confiaram parte de suas histórias e se transformaram em instrumentos do aprender.

A minha irmã de coração, Naama, pela presença constante e ajuda na conclusão deste trabalho.

Aos tios, Elda e Adervaldo, sempre presentes nos momentos mais importantes.

À Profa. Dra. Alice Cunha de Freitas, pelo apoio e pela confiança em mim depositada.

Às professoras, Dra. Maura Alves de Freitas Rocha e Dra. Dulce do Carmo Franceschini, pelas contribuições valiosas quando do exame de qualificação.

Aos amigos e inesquecíveis colegas de mestrado, Allyne, Ana Carolina, Leonardo, Fernanda, Alcides, Lauro e Luciene, companheiros de estudo e de todas as horas.

Aos amigos do GEFONO – Grupo de Estudos em Fonologia –, por estarem sempre dispostos a compartilhar conhecimentos, em especial à Fernanda Alvarenga, pela contribuição com o programa GoldVarb.

Aos meus familiares, pelo carinho e confiança.

À Mariana Resende e à Franciele Queiroz, pela amizade.

A todos aqueles que contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi descrever o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Araguari, Minas Gerais. Nessa comunidade linguística, é comum observarmos, na pauta pretônica, a variação que envolve as vogais médias [e, o] e as altas [i, u], respectivamente, fato que gera formas alternantes como *al[e]gria* ~ *al[i]gria* e *c[o]zinha* ~ *c[u]zinha*. Denominado na literatura como Alçamento Vocálico, esse fenômeno fonológico é aqui abordado segundo o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa. O *corpus* foi constituído por 4191 ocorrências de vogais médias pretônicas, sendo 2709 realizações da vogal /e/ e 1482 da vogal /o/, a partir da observação da fala de 24 informantes. Esses foram estratificados por: sexo; faixa etária; escolaridade. Além dos fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária e escolaridade), estabelecemos como fatores linguísticos: distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica; tipo de sílaba da vogal média pretônica (aberta, fechada); vogal precedente à vogal média pretônica; vogal da sílaba tônica; contexto fonológico precedente, ponto de articulação (labial, coronal, dorsal) e modo de articulação (contínuo e não contínuo); contexto fonológico seguinte, ponto de articulação (labial, coronal, dorsal) e modo de articulação (contínuo e não contínuo) e, por fim, nasalidade. Para a realização da análise, os dados foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb. Com base nos resultados gerados por esse programa, interpretamos que o alçamento das vogais, no falar araguarino, resulta de uma vogal alta contígua à pretônica na implementação da regra do alçamento, bem como atua o processo da redução da diferença articulatória da pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes. Adotamos o modelo teórico da Geometria de Traços, proposto por Clements e Hume (1995) para representar o alçamento das vogais pretônicas. Com base nesse modelo teórico, foi analisado o fenômeno de harmonização vocálica, que assimila o traço de altura do segmento seguinte.

Palavras-chave: alçamento; vogais pretônicas; variação; processos fonológicos.

ABSTRACT

The purpose of this study was to describe the raising of pretonic mid vowels the speech of the citizens of Araguari, Minas Gerais. In this linguistic community, it is common to see that pretonic mid vowels can alternate between mid-realizations [e, o] and high [i, u], respectively, in words like *al[e]gria ~ al[i]gria* and *c[o]zinha ~ c[u]zinha*. In literature, this phonological phenomenon is referred to as Vowel Raising and it is in accordance to the theoretical model of Quantitative Sociolinguistics. The data utilized was composed of 4191 instances of pretonic mid vowels (2709 realizations of the vowel /e/ and 1482 of the vowel /o/), observed in the speech of 24 subjects. In addition to the extralinguistic factors (gender, age and education), we established as linguistic factors: distance of pretonic vowel in relation to the tonic syllable, syllable structure of pretonic mid vowel (open, closed); the preceding vowel to the pretonic mid vowel; the vowel of the tonic syllable, preceding phonological context – place of articulation (labial, coronal, dorsal) and manner of articulation (continuous and not continuous); following phonological context – place of articulation (labial, coronal, dorsal) and manner of articulation (continuous and not continuous), and finally, nasality. The data was submitted to the GoldVarb statistic program and the results showed that vowel raising occurs between the tonic and the following vowels. It also has an important influence on the vowel raising, confirming the application of the rule in many cases, it operates in the process of reducing the articulatory difference between pretonic vowels and adjacent consonants. We have adopted the theoretical model of the Geometry of Features, proposed by Clementes and Hume (1995) to represent the rising of pretonic vowels. The raising of pretonic mid vowels was analyzed and it has been proven that it assimilates the height feature of the following segment.

Keywords: raising; pretonic vowels; variation; phonological processes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação arbórea interna do segmento.....	20
Figura 2 – Representação hierárquica de consoantes e vogais.....	21
Figura 3 – Divisão dos falares do Português Brasileiro.....	28
Figura 4 – Localização de Araguari-MG.....	46

LISTA DE TABELAS

Dados de /e/

Tabela 1 – Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Araguari (MG).....	61
Tabela 2 – Vogal da sílaba tônica.....	63
Tabela 3 – Contexto fonológico seguinte: modo de articulação.....	64
Tabela 4 – Vogal precedente à vogal média pretônica.....	65
Tabela 5 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação.....	66
Tabela 6 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação.....	67
Tabela 7 – Nasalidade da sílaba pretônica.....	68
Tabela 8 – Faixa etária.....	69
Tabela 9 – Sexo.....	70
Tabela 10 – Anos de escolaridade.....	71

Dados de /o/

Tabela 11 – Vogal da sílaba tônica.....	73
Tabela 12 – Tipo de Sílaba da vogal pretônica.....	75
Tabela 13 – Contexto fonológico precedente: modo de articulação.....	76
Tabela 14 – Vogal precedente à vogal média pretônica.....	77
Tabela 15 – Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica.....	78
Tabela 16 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Realização das vogais médias pretônicas no PB.....	29
Quadro 2 – Estratificação por sexo, escolaridade e faixa etária.....	49
Quadro 3 – SEXO FEMININO – Distribuição dos informantes.....	49
Quadro 4 – SEXO MASCULINO – Distribuição dos informantes.....	50
Quadro 5 – Codificação das variáveis linguísticas.....	58
Quadro 6 – Codificação das variáveis extralinguísticas.....	59

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1.	Fonologia Autossegmental: Geometria de Traços Fonológicos.....	18
1.2	Vogais do Português Brasileiro	25
1.3	Vogais pretônicas no Português Brasileiro.....	27
1.4	Estudos sobre as vogais médias pretônicas no Português Brasileiro.....	32
1.5	A Sociolinguística Variacionista.....	39
2	METODOLOGIA.....	43
2.1	O tratamento estatístico da Sociolinguística Quantitativa.....	43
2.2	Cenário da pesquisa.....	45
2.2.1	Araguari.....	46
2.2.2	Crêterios para a seleçãõ das amostras e dos informantes.....	48
2.3	Definição das variáveis.....	50
2.3.1	Variável dependente.....	50
2.3.2	Variáveis independentes.....	51
2.3.2.1	Variáveis linguísticas.....	51
2.3.2.1.1	Vogal da sílaba tônica.....	51
2.3.2.1.2	Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica.....	52
2.3.2.1.3	Contexto fonológico precedente.....	52
2.3.2.1.4	Contexto fonológico seguinte	53
2.3.2.1.5	Nasalidade.....	54
2.3.2.1.6	Tipo de sílaba da vogal média pretônica.....	54
2.3.2.1.7	Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica.....	54
2.3.2.2	Variáveis extralinguísticas	55
2.3.2.2.1	Sexo.....	55
2.3.2.2.2	Faixa etária.....	56
2.3.2.2.3	Anos de escolaridade	56
2.3.3	Delimitação da variável dependente.....	56

2.4	Coleta, codificação dos dados e o <i>software GoldVarb</i>	57
2.4.1	Critérios para coleta dos dados e contato com os informantes.....	57
2.4.2	Codificação dos dados.....	58
2.4.3	O programa computacional GoldVarb.....	59
3	ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS DADOS	61
3.1	O alçamento da vogal média /e/	62
3.1.1	Variáveis linguísticas.....	63
3.1.1.1	Vogal da sílaba tônica	63
3.1.1.2	Contexto fonológico seguinte: modo de articulação	64
3.1.1.3	Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica.....	65
3.1.1.4	Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação.....	66
3.1.1.5	Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	67
3.1.1.6	Nasalidade da sílaba pretônica.....	68
3.1.2	Variáveis extralinguísticas.....	69
3.1.2.1	Faixa etária.....	69
3.1.2.2	Sexo.....	70
3.1.2.3	Anos de escolaridade.....	70
3.2	O alçamento da vogal média /o/	71
3.2.1	Variáveis linguísticas.....	73
3.2.1.1	Vogal da sílaba tônica.....	73
3.2.1.2	Tipo de sílaba da vogal pretônica /o/.....	74
3.2.1.3	Contexto fonológico precedente: modo de articulação.....	76
3.2.1.4	Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica.....	77
3.2.1.5	Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica.....	78
3.2.1.6	Contexto fonológico precedente: ponto de articulação.....	79
3.3	Discussão dos resultados.....	80
4	ANÁLISE FONOLÓGICA: REPRESENTAÇÃO PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS	84
4.1	Alçamento das vogais médias pretônicas.....	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXO.....	97
APÊNDICES.....	100

INTRODUÇÃO

A língua não é homogênea. A todo momento passa por mudanças, embora muitas vezes estas não sejam perceptíveis aos seus usuários. Tais mudanças ocorrem nos diferentes níveis da gramática de uma língua – na fonologia, na morfologia e na sintaxe, bem como em seu léxico –, como observa Mollica (2004):

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo (MOLLICA, 2004, p. 09).

Para que toda mudança ocorra é necessário que a língua passe por um período de variação, em que coexistam duas ou mais variantes, isto é, duas formas diferentes de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A variação não está associada apenas a fatores linguísticos: é, também, de natureza extralinguística, ou seja, está correlacionada à localização geográfica dos falantes e a aspectos sociais, tais como escolaridade, idade, sexo, dentre outros.

No Português Brasileiro (doravante PB), são inúmeros os estudos que buscam sistematizar as características na fala dos brasileiros e as peculiaridades de seus dialetos. No entanto, faz-se necessário uma ampliação no quadro dos estudos sociolinguísticos para a caracterização detalhada dos dialetos, de forma a delimitar as variações dialetais, dada a vasta extensão territorial.

No presente trabalho, abordamos a variação das vogais médias pretônicas, por ser um dos fenômenos que também possibilita a variabilidade linguística existente no Brasil. Várias pesquisas recentes têm demonstrado essa variação referente ao alçamento das vogais médias

pretônicas, a exemplo de Silva (1989), Bisol (1981), Viegas (1987), Klunck (2007), Viana (2008), Célia (2004), entre outros.

Segundo Nascentes (1953), a variação observada no PB para as vogais médias pretônicas [e] e [o] estabelece a linha divisória entre os falares do norte – em que, geralmente, optam pela realização das médias [e, o] e médio-baixas [ɛ, ɔ] – e os falares do sul, nos quais percebemos a realização das médias [e, o] ou médio-altas [i, u].

Assim sendo, nesta pesquisa analisamos dados de fala espontânea dos moradores do município de Araguari-MG em nomes (substantivos e adjetivos) a fim de descrever a variação existente na realização das vogais médias pretônicas, considerando-se, nesse propósito, fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem motivar as diferentes manifestações dessas vogais, visto que observamos que as vogais médias pretônicas apresentam um fenômeno variável no nível fonético na comunidade de fala dos araguarinos.

Araguari é uma cidade mineira localizada na região do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, estado que faz fronteira com os estados de Goiás, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A cidade está localizada entre os falares do sul, conforme divisão de Nascentes (1953).

Percebemos, de forma intuitiva, que existe variação das vogais médias pretônicas na cidade – como em b[o]neca/b[u]neca; s[o]brinha/s[u]brinha; m[e]ntira/m[i]ntira, dentre outras – visto que as vogais pretônicas ora ocorrem elevadas e ora não; portanto, existe uma concorrência, na posição pretônica, entre vogais altas [i, u] e médias [e, o].

A concorrência entre vogais altas [i, u] e médias [e, o] na posição pretônica é um fato que reflete a manifestação de um fenômeno fonológico denominado *alçamento vocálico*, caracterizado por elevar o traço de altura das vogais médias e produzir formas alternantes como m[e]nino ~ m[i]nino e c[o]mida ~ c[u]mida. Tal variação pode ser descrita tanto pela

estrutura interna da língua (fatores linguísticos), quanto por fatores extralinguísticos, ou seja, a aspectos sociais.

Dessa forma, no presente trabalho utilizamos a metodologia analítico-descritiva da Sociolinguística Variacionista, encontrada em Labov (2008). Buscamos, ainda, não só fazer um estudo variacionista, mas também comparar os resultados obtidos nesta pesquisa com outros resultados de natureza similar que consideraram dados de outras regiões brasileiras – a exemplo de Bisol (1981), Viegas (1987), Klunck (2007), Célia (2004), entre outros. Para tanto, procuramos identificar a região pesquisada por essas autoras, bem como identificar as semelhanças e diferenças entre os dados analisados nesses trabalhos os quais buscam sistematizar as características dos dialetos brasileiros. A partir das análises dos dados coletados nesta pesquisa, apresentamos a discussão dos resultados ancorados no modelo de Traços da Teoria Autossegmental, Geometria de Traços Fonológicos, muito utilizado nos estudos da Fonologia.

Com esta pesquisa, pretendemos buscar respostas para as seguintes questões:

- a) Como se configura o sistema vocálico médio pretônico no município de Araguari-MG, tendo em vista os fatores linguísticos e extralinguísticos?
- b) Em que contextos linguísticos ocorre o alçamento das vogais médias pretônicas nessa cidade?
- c) Que variáveis extralinguísticas – faixa etária, anos de escolaridade e sexo – favorecem o alçamento pretônico?
- d) Qual das vogais em estudo /e/ ou /o/ sofre mais o alçamento?

Cinco hipóteses nortearam nossa pesquisa:

- 1) Os fatores extralinguísticos (tais como sexo, faixa etária e grau de escolaridade) influenciam na produção variável das vogais médias pretônicas.
- 2) A vogal alta na sílaba tônica seguinte é um fator que favorece o alçamento das vogais médias pretônicas.
- 3) Palavras com contexto seguinte e precedente formado por labial e dorsal são favorecedoras no alçamento das vogais médias pretônicas.
- 4) O peso silábico pode interferir no alçamento das vogais médias pretônicas.
- 5) A vogal média pretônica na sílaba inicial, a nasalidade e a distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica podem favorecer o alçamento.

Assim sendo, este trabalho, cujo objetivo geral foi descrever a língua falada em Araguari com referência ao sistema vocálico pretônico, caracterizando sua variação, pautou-se nos seguintes objetivos específicos:

- verificar em que contextos as vogais médias pretônicas ocorrem nesse dialeto;
- analisar os processos fonológicos (tais como harmonização vocálica, assimilação e redução) em que estão envolvidas as vogais médias pretônicas;
- identificar quais contextos linguísticos favorecem o alçamento das vogais médias pretônicas;
- verificar as variáveis externas, ou não linguísticas (sexo, faixa etária, anos de escolaridade), que favorecem a variação do fenômeno em questão;
- analisar o alçamento das vogais médias pretônicas por meio do modelo de Traços da Teoria Autossegmental, Geometria de Traços Fonológicos.

Esta pesquisa se justifica por contribuir com a descrição do dialeto do Triângulo Mineiro, especificamente, pelo seu pioneirismo ao investigar processos fonético-fonológicos do dialeto falado no município de Araguari. Além disso, esse trabalho contribui,

significativamente, na constituição de um banco de dados da fala regional, para auxiliar pesquisas sociolinguísticas futuras, quer sejam centradas na investigação do sistema fonológico do Português Brasileiro, em uma de suas variações dialetais, quer sejam em áreas como Morfologia e Sintaxe, dentre outras.

Esta dissertação organiza-se em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos os modelos teóricos, sob a luz da fonologia autosegmental (Modelo da Geometria de Traços Fonológicos) e a Teoria Sociolinguística Variacionista, como também alguns estudos referentes às vogais pretônicas no Português Brasileiro.

No segundo descrevemos a metodologia empregada na realização da pesquisa, bem como a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados na coleta e no tratamento dos dados.

No terceiro, apresentamos os resultados obtidos pelo programa de análise estatística GoldVarb; comparamos esses resultados a outros realizados no Brasil e descrevemos o alçamento de /e/ e de /o/ em seções separadas.

E, por fim, no quarto capítulo, analisamos o alçamento das vogais médias por meio do Modelo da Geometria de Traços, e, na sequência, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, cujas seções tematizam: Fonologia Autossegmental: Geometria de Traços Fonológicos, Vogais do Português Brasileiro, Vogais Pretônicas no Português Brasileiro e Estudos sobre as vogais médias pretônicas no Português Brasileiro, e, por fim, a Teoria Sociolinguística Variacionista.

1.1 Fonologia Autossegmental: Geometria de Traços Fonológicos

Utilizamos a Teoria Fonológica Autossegmental, especificamente o modelo da Geometria de Traços, proposto por Clements e Hume (1995), para representar o fenômeno linguístico delimitado nesta pesquisa – o alçamento das vogais médias pretônicas. De acordo com Matzenauer (2001), esse modelo pode interpretar os processos fonológicos como aspectos naturais que ocorrem nas línguas do mundo.

Segundo a autora supracitada, a Fonologia Autossegmental mostrou que não há uma relação “bijectiva”, isto é, de um-para-um, entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, como era descrito no modelo anterior a este, ou seja, pelo modelo de Chomsky e Halle (1968). Esse modelo considerava o segmento como elemento em sua totalidade, porém, apesar das limitações apresentadas, em relação ao poder de explicação de muitos fenômenos fonológicos, este modelo foi de fundamental importância, abrindo caminho para o surgimento das fonologias não-lineares, como a Fonologia Autossegmental.

A Fonologia Autossegmental defende a idéia de que o segmento apresenta uma estrutura interna, ou seja, há uma hierarquização entre os traços que constituem determinado segmento da língua, os quais podem funcionar isoladamente ou em conjuntos de traços, organizados em camadas. Goldsmith (1976 *apud* MATZENAUER, 2001) observou que, nas línguas tonais, o apagamento de um segmento não implicava o desaparecimento do tom que recai sobre ele, mas que esse tom poderia se espalhar para outra unidade fonológica.

Valendo-se da versão da Fonologia Autossegmental, Clements e Hume (1995) formularam o modelo da Geometria de Traços, tomando o traço como unidade mínima de análise. A geometria de traços expressa regras fonológicas que se aplicam a traços de classes naturais as quais ocorrem nas línguas do mundo. Os traços componentes dos segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e formam uma representação trimensional, permitindo distinguir *tiers* ou camadas: o *tier* da raiz, o *tier* da laringe, o *tier* dos pontos de consoante (pontos de C), por exemplo.

Assim, para esses autores, cada segmento tem uma organização interna de traços representada por nós hierarquicamente ordenados, nos quais os traços podem funcionar independente ou conjuntamente para compor um segmento. Portanto, para esses estudiosos, cada segmento é composto internamente por um arranjo arbóreo de traços, que são ordenados hierarquicamente por nós. É a composição desses nós que vai caracterizar o segmento, como podemos observar no diagrama arbóreo seguinte:

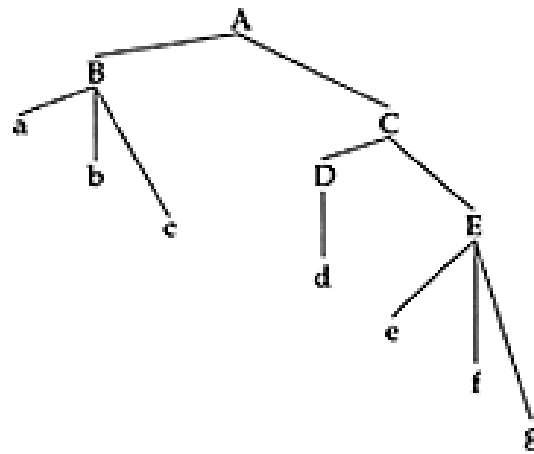


Figura 1 – Representação arbórea interna do segmento.
Fonte: Clements e Hume (2001, p. 4).

Nesse diagrama, **A** representa o nó de raiz, que corresponde ao segmento como unidade fonológica. Os nós **B**, **C**, **D**, **E** representam nós de classe (nós intermediários), os quais dominam grupos de elementos que funcionam como classes naturais em regras fonológicas. Os nós **D** e **E** são ambos dependentes de **C**. Os nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** são traços fonológicos, sendo que todos esses nós estão associados ao nó de raiz.

Segundo Matzenauer (2001, p. 49), o princípio da Geometria de Traços admite que as regras fonológicas constituam uma única operação, ou seja, “somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas”. Uma regra que, por exemplo, no diagrama mostrado na Figura 1, afete os traços **b**, **d**, **f** não é natural, pois esses traços não possuem um mesmo nó de classe; ao contrário, uma regra que só afete **f** ou todo o nó estrutural **E** é considerada natural, já que o traço **f** está ligado ao nó **E**.

A título de exemplificação do modelo geométrico, segue a representação da organização hierárquica das consoantes e vogais, segundo Clements e Hume (1995):

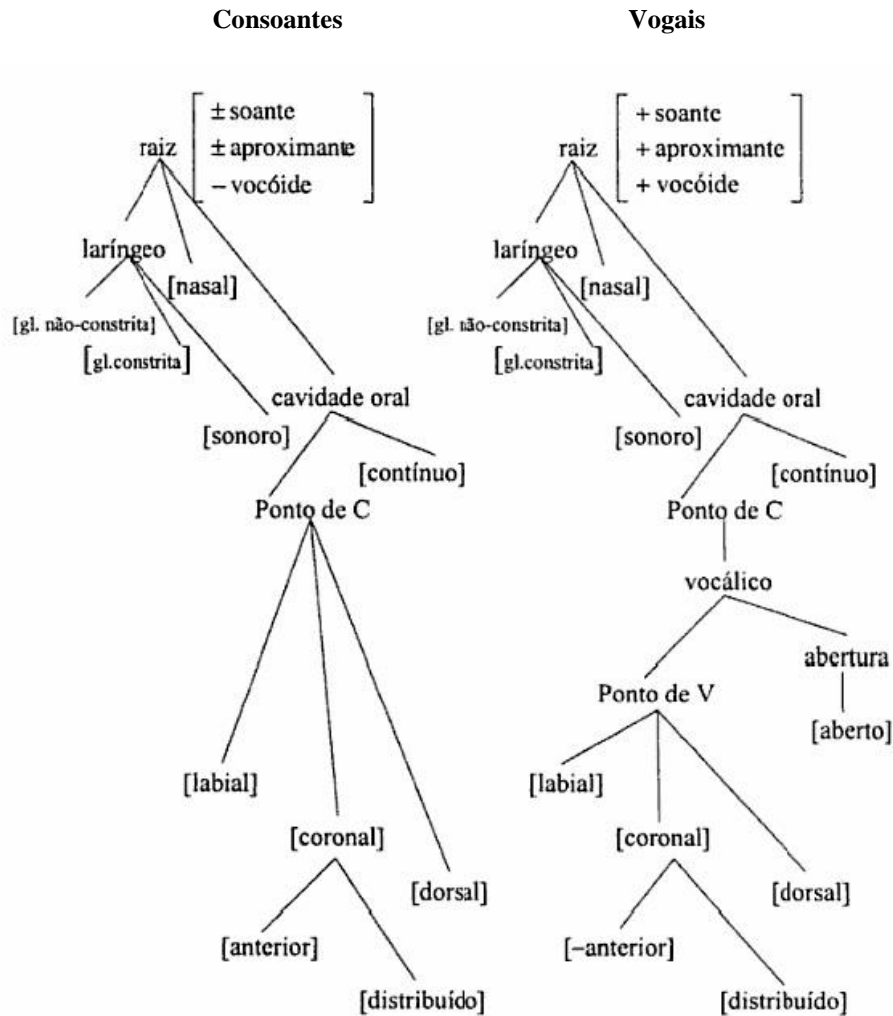


Figura 2 – Representação hierárquica de consoantes e vogais.
Fonte: Clements e Hume (1995 *apud* MATZENAUER, 2001, p. 49).

Conforme demonstração acima, podemos notar que tanto consoantes como vogais podem ser representadas com os mesmos traços até o nó Ponto de C. O nó de raiz recebe um status diferenciado, porque é constituído pelos *traços maiores* - [soante], [aproximante] e [vocóide]. A unidade desses traços não só divide os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais), mas também identifica o seu grau de sonoridade. O nó laríngeo é uma unidade que pode espriar-se ou se desligar como um todo, levando todos os traços que estão sob seu domínio. Mais abaixo, encontra-se o nó de cavidade oral, que domina o Ponto de C e o traço [+contínuo]. A seguir, encontra-se o nó de pontos de consoante (Ponto de C), o qual funciona nas regras de assimilação de ponto de articulação. Portanto,

qualquer traço sob o domínio do nó Pontos de C espraia, seja o traço: [labial], [coronal] ou [dorsal].

Na representação das vogais, tem-se o nó vocálico, ligado sob o Ponto de C, que caracteriza os traços vocálicos como uma unidade funcional, o qual agrupa todos os traços de abertura e ponto de articulação dos vocóides.

Clements e Hume (1995 *apud* MATZENAUER, 2001) argumentam que, em relação ao ponto de articulação, tanto as vogais como as consoantes utilizam o mesmo conjunto de traços para caracterizar todos os segmentos, ou seja, as vogais possuem os mesmos pontos de constricção atribuídos às consoantes. Assim, cada um dos traços de ponto no trato oral pode ter uma classe natural correspondente. Os traços de ponto são definidos, de acordo com os articuladores ativados, da seguinte forma:

- labial: envolve os lábios – [labial]: consoantes labiais (p, b, m, f, v), vogais arredondadas (ó, o, u) ou labializadas (w);
- coronal: envolve frente da língua – [coronal]: consoantes coronais (t, d, s, z, j, ch, n, nh, l, lh, r (tepe), r (vibrante)) e vogais frontais (é, e, i);
- dorsal: envolve o corpo da língua – [dorsal]: consoantes dorsais (k, g) e vogais posteriores (a, u, o, ó).

O nó de abertura, localizado sob o Ponto C, domina os traços que se referem à altura da vogal. Clements (1989 *apud* MATZENAUER, 2001) caracterizou a altura das vogais com um único traço: [aberto], atribuindo o valor de + ou -.

De acordo com esse modelo, em que as distinções de altura são representadas por meio de traços de abertura, Wetzels (1992 *apud* MATZENAUER, 2001, p. 169) representa as vogais tônicas do português da seguinte maneira:

(1)

Abertura:	i/u	e/o	ε/ɔ	a
Abertura 1	-	-	-	+
Abertura 2	-	+	+	+
Abertura 3	-	-	+	+

Wetzels (1992) analisa a redução do sistema vocálico – de 7 vogais, na sílaba tônica, para 5 na pretônica e 3 na tônica final – como operações de desligamento dos traços de nós. Dessa forma, o apagamento de [aberto3] provoca a perda da distintividade entre as vogais médias, já que os seus valores são idênticos para [aberto1] e [aberto2]. Assim, o sistema vocálico de 7 vogais passa a ter apenas 5 na posição pretônica do Português Brasileiro. Valendo-se da Fonologia Autossegmental, o autor propõe a seguinte regra para representar as vogais pretônicas no Português Brasileiro, conforme modelo apresentado em (2).

(2)

[- acento 1]

|
X
|

Domínio: palavra fonológica

[+ vocóide]

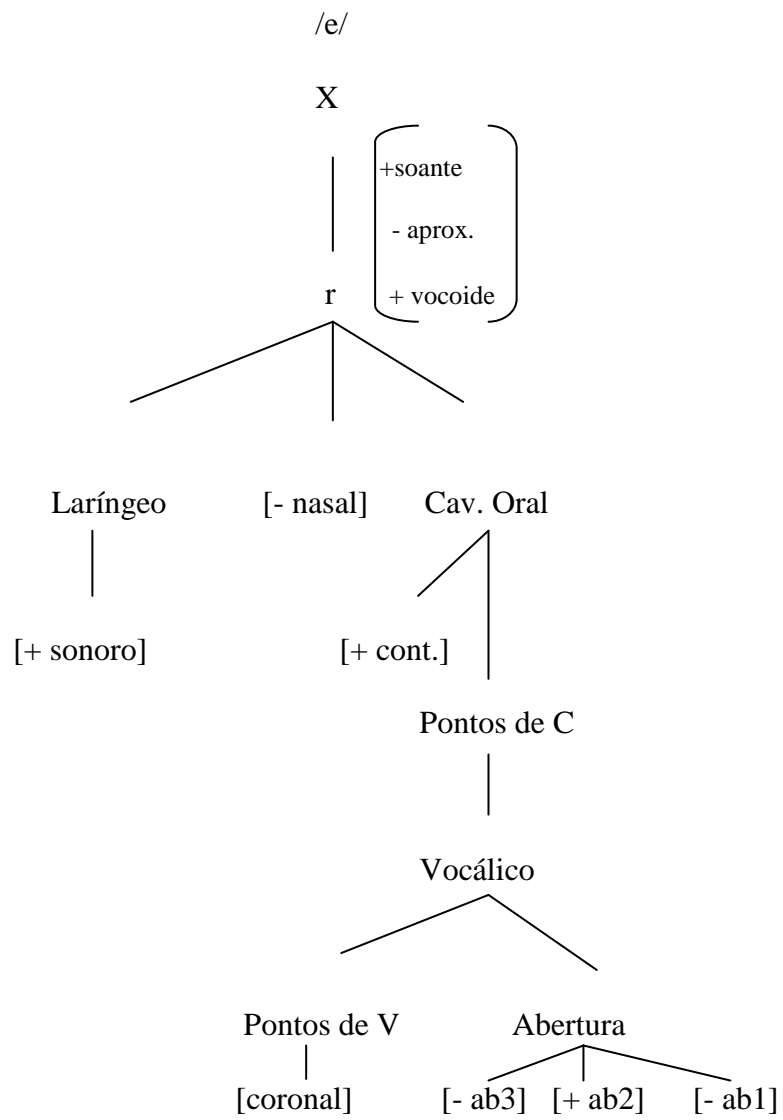
⊥
⊥
|

[+ aberto 3]

Nesta regra, [+ aberto 3] é desassociado quando já não se encontra na posição de acento primário, eliminando do sistema as vogais médias de 1º grau / ε/ e /ɔ/. Dessa maneira, o quadro de vogais reduz de 7 para 5, como em b[ε]lo > b[e]leza e p[ɔ]rta > p[o]rteiro.

Vejamos como é feita a representação autossegmental de uma vogal, conforme (3) abaixo:

(3)



1.2 Vogais do Português Brasileiro

A despeito das inúmeras discussões sobre o sistema vocálico do Português Brasileiro, em que se discutia a identificação de um sistema baseado ora fonética, ora ortograficamente, Câmara Jr. (1980), a partir do sistema triangular, caracteriza o sistema do Português Brasileiro da seguinte forma: a vogal baixa /a/, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, as vogais médias altas /e/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/. Na variedade oral, devido à alternância nas articulações da fala, mapeamentos diferentes ocorrem nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final. Nesse sentido, o sistema vocálico do Português Brasileiro passa por um processo de redução que pode ser identificado por sete vogais na sílaba tônica, as quais são reduzidas para cinco na posição pretônica, para quatro na posição postônica não-final e três na posição átona final.

A distribuição das vogais do Português Brasileiro conforme Câmara Jr. (1980, p. 43-44), é assim, apresentada:

(4) Vogais em posição tônica

altas	/i/	/u/	
médias	/e/	/o/ (2º grau)	
médias	/ɛ/	/ɔ/ (1º grau)	
baixa	/a/		
	anterior	central	posterior

(5) Vogais em posição pretônica

altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(6) Vogais em posição átona não-final

altas	/i/		/u/
médias	/e/		-
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(7) Vogais em posição átona final

altas	/i/		/u/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Considerando as diferentes regiões do país, as vogais sofrem variações em posição pretônica. Isso significa dizer que, na posição pretônica, as vogais estão envolvidas em processos fonológicos que alteram a configuração do sistema vocálico.

Para Câmara Jr. (1980), as vogais pretônicas perdem a distinção entre as médias baixas /ɔ/ e / ε / e as médias altas /o/ e /e/, ex.: caf/é/ - caf/ê/teira, b/é/lo – b/ê/leza, s/ó/l – s/ô/laço. As vogais pretônicas, nesta posição, resultam em um sistema composto de cinco vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/. Tal redução foi interpretada pelo autor como *neutralização*. Neste caso, a neutralização é entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias de

primeiro grau e médias de segundo grau, o que se torna uma regra geral nesta posição, onde a preferência pela média de segundo grau, ou seja, a média alta é característica do sistema do centro-sul do país.

Enquanto que na posição postônica não-final, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ não se realizam, ou seja, o sistema de sete vogais reduz-se para quatro: /a, e, i, u/. A neutralização da posição átona não-final é mais frequente entre as vogais posteriores /o/ → /u/, como nas palavras *fósforo* e *abóbura*, do que entre as séries anteriores /e/ → /i/, como nos exemplos, *prótise* e *córrego*.

Segundo Câmara Jr. (1980), na posição átona final, esse processo ocorre entre /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, como se observa nos pares de palavras *fur/o/* → *fur [u]*, *piqu/e/* → *piqu[i]*.

De acordo com análises variacionistas, o sistema vocálico do PB não é tão simples como descreveu Câmara Jr. (op. cit.), tendo em vista que as vogais, em sua modalidade oral, apresentam um sistema muito mais complexo, principalmente na posição pretônica.

Nesse sentido, na seção a seguir, abordamos as vogais pretônicas no PB.

1.3 Vogais pretônicas no Português Brasileiro

Como já mencionado, as vogais médias pretônicas do PB possuem um sistema variável, dependendo da região geográfica. A divisão dos dialetos brasileiros é representada, de acordo com a proposta de Nascentes (1953). Essa divisão dialetal, em duas grandes regiões (Norte e Sul), admitiria, segundo o autor, seis subfalares, sendo que os do Norte, caracterizados pelas vogais pretônicas médias de timbre aberto /ɛ/ e /ɔ/, são dois: o amazônico e o nordestino; e os do Sul, caracterizados pelas vogais pretônicas de timbre fechado /e/ e /o/, são quatro: o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista, conforme o mapa a seguir:



Figura 3 - Divisão dos falares do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953)
Fonte: DIAS, 2008, p. 63.

Por sua vez, Cardoso (1999) reúne um grande número de trabalhos referentes às vogais médias pretônicas no PB, desde Nascentes (1953) à Dissertação de Mestrado de Pereira (1998), na Universidade Federal da Paraíba, a fim de atestar que existem diferenças regionais quanto à realização dessas vogais. A autora abrange diversas localidades do Brasil, tais como: Amazonas (Correa, 1980; Silva, 1980); Pará (Vieira, 1983); Acre, Ceará (Castro, 1958); Natal (Maia, 1986); Paraíba (Pereira, 1998); Pernambuco (Marroquim, 1943); Sergipe (Mota, 1979); Bahia (Silva, 1989); Minas Gerais (Mário Zágari et al., 1977); Rio de Janeiro (Callou, Leite e Moraes, 1995); São Paulo (Rodrigues, 1974); Paraná (Aguilera, 1994); Rio Grande do Sul (Bisol, 1981) e Mato Grosso do Sul (Nogueira, 1989). Finalizado, a autora apresenta um quadro geral da realização predominante das vogais médias pretônicas /e/ e /o/

no PB, que permite visualizá-la como uma linha demarcatória entre grupos de regiões, como pode ser visto no Quadro 1, a seguir:

Região	Estados	Vogais abertas	Vogais fechadas
NORTE	AMAZONAS	♦	
	PARA	♦	*
	ACRE	♦	
NORDESTE	CEARA	♦	
	R. G. DO NORTE	♦	
	PARAIBA	♦	
	PERNAMBUCO	♦	
	ALAGOAS	♦	
	SERGIPE	♦	
	BAHIA	♦	
SUDESTE	MINAS GERAIS	♦	*
	RIO DE JANEIRO		*
	SAO PAULO		*
SUL	PARANA		*
	R. G. DO SUL		*
CENTRO-OESTE	M. G. DO SUL		*

Quadro 1 – Realização das vogais médias pretônicas no PB¹

¹ Esse quadro não aborda o fenômeno do *alçamento* das vogais médias pretônicas, ele apenas apresenta as realizações dessas vogais em algumas regiões do país, destacando os graus de abertura vocálica, sem, necessariamente, caracterizá-las.

A partir desse quadro, podemos perceber que predomina a vogal média aberta do Amazonas a Minas Gerais, sendo que há variação neste estado e no Pará, enquanto que a média fechada se estende do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Diferentemente da proposta de Nascentes (1953), para a divisão dos dialetos do PB, Lee e Oliveira (2003, p.68) argumentam que “a situação não é tão simples, pois na posição pretônica podemos ter [ɔ ~ o ~ u] e [ɛ ~ e ~ i] nos dois grandes grupos dialetais”. Exemplificam com o dialeto de Belo Horizonte que, segundo eles, é particularmente complexo, já que há certas palavras que podem ser pronunciadas de três formas diferentes, como: *modErno* ~ *mɔderno* ~ *mudErno*. Segundo os autores, o dialeto de Belo Horizonte parece ser um caso intermediário entre o dialeto do sul, com o qual compartilha a neutralização na forma de uma vogal pretônica média fechada, e o dialeto de Salvador, com o qual compartilha um processo de redução das vogais médias pretônicas.

De acordo com a proposta de Oliveira e Lee (2003), os dialetos do PB apresentam variações na realização das vogais médias, sendo: média aberta [ɛ] ou [ɔ]; média fechada [e] ou [o]; ou como vogal alta [i] ou [u]. Nesse sentido, defendem que o sistema vocálico é mais complexo do que proposto por Câmara Jr. (1980). No entanto, não podemos classificar nenhuma dessas possibilidades como características de um dado dialeto. Visto que, de forma geral, as vogais médias abertas caracterizam dialetos do Norte e Nordeste, as médias fechadas caracterizam os sulistas e as médias altas caracterizam as regiões Centrais do Brasil. Vale ressaltar que cada uma dessas possibilidades pode ser encontrada com mais frequência em uma determinada região.

Dentre essas propostas, interessam para esta pesquisa, as vogais médias pretônicas, responsáveis por situações de variação em todos os dialetos do Português Brasileiro. Em virtude disso, a descrição de alguns processos fonológicos comuns às pretônicas é fundamental, uma vez que esses processos foram se interpondo, quando da análise dos dados.

O fenômeno da harmonização vocálica trata-se de uma tendência de assimilação vocálica (processo através do qual um segmento assume mais traços de um segmento vizinho) tradicional no português, em que uma vogal média pretônica assimila o traço de altura da vogal alta da sílaba seguinte. É o que ocorre, por exemplo, em *menino*, *cozinha*, que se pronunciam m/i/nino, c/u/zinha, respectivamente.

Bisol (1981) argumenta que a aplicação da regra do alçamento é abordada com base na ocorrência do processo fonológico, denominado harmonização vocálica. Para a ocorrência desse processo, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ desencadeiam um mecanismo de assimilação do traço de altura das vogais altas /i/ e /u/, respectivamente, a fim de que se estabeleça uma “harmonia” entre os traços das vogais. Sendo a harmonização um processo que não faz saltos, a autora fortalece a hipótese de que a vogal assimiladora é a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de ser tônica ou não. Assim, a contiguidade, para ela, é uma condição obrigatória para a aplicação da regra.

No entanto, além do processo fonológico de harmonização vocálica, encontramos a redução que também pode se manifestar nas vogais médias pretônicas de alguns dialetos. Abaurre-Gnerre (1981, p. 37) relaciona a ocorrência do alçamento da vogal a um fenômeno de redução vocálica, ou seja, a um “processo de teleologia eminentemente articulatória: torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos consonantais adjacentes”. Esse processo, geralmente, leva ao desaparecimento das vogais em questão nas pronúncias mais rápidas.

Em consonância com Abaurre-Gnerre (op. cit.), Viegas (1987) discorda de que o alçamento das vogais seja uma consequência da harmonia vocálica; para esta autora o alçamento da vogal posterior trata-se de um processo de redução, o qual é influenciado pelas consoantes adjacentes; nas palavras p/e/queno e p/i/queno, t/o/mate e t/u/mate, b/o/neca e b/u/neca é perceptível a elevação, no entanto, não há harmonia entre as sílabas tônica e

pretônica, pois é muito mais nítida a diferença entre as vogais tônicas e pretônicas, perante a classificação articulatória.

Pretendemos, ao final do presente estudo, caracterizar, pelo menos em parte, os fatores e processos fonológicos centrais à ocorrência do alçamento da pretônica em nossa região.

Na seção a seguir, relatamos os principais estudos sobre vogais pretônicas no PB.

1.4 Estudos sobre as vogais médias pretônicas no Português Brasileiro

Como visto anteriormente, vários estudos têm sido desenvolvidos a respeito das vogais médias pretônicas nas últimas décadas. Dentre esses, podemos citar Bisol (1981), Silva (1989), e outros, defensores da hipótese neogramática e Viegas (1987) e Viana (2008) que concebem a variação como um fenômeno difusionista.

Bisol (1981), em sua tese de doutorado, foi uma das precursoras da análise da atuação da regra de harmonização das vogais médias, na região sul, referentes a alguns dialetos do Rio Grande do Sul. A amostra constitui-se de oito informantes de cada um dos quatro grupos étnicos que compõem esse dialeto: monolíngues da zona de colonização açoriana (de Porto Alegre); bilíngues da zona de colonização alemã (de Taquara); bilíngues da zona de colonização italiana (de Veranópolis, especificamente Monte Bérico) e monolíngues da zona fronteiriça (de Santana do Livramento). A pesquisa contou ainda com uma amostra do Projeto NURC – Projeto da Norma Urbana Culta –, com 12 informantes com formação superior, somando um total de 44 informantes.

A análise de Bisol (op. cit) considerou todas as vogais médias em posição pretônica, inclusive aquelas em que não havia vogal alta em sílaba subsequente. Isso permitiu confirmar a hipótese de que é, realmente, a presença da vogal alta no gatilho o principal condicionador da elevação da pretônica. Nesse sentido, segundo a autora, o alçamento é definido como o

levantamento das vogais médias, provocado pela assimilação vocálica quando a vogal média pretônica assimila traços de altura da vogal alta da sílaba tônica, como ilustram as pronúncias de m[i]nino, para m[e]nino; f[u]rmiga, para f[o]rmiga, casos em que as vogais médias [e] e [o] assimilam traços de altura da vogal [i].

As estruturas linguísticas que se mostraram favoráveis, ou seja, mais propensas ao alçamento no trabalho de Bisol (1981) foram: a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte; as consoantes palatais, favorecendo o alteamento de [e] e [o] na posição seguinte; as labiais favorecendo o alçamento da média posterior [o], principalmente em posição precedente; as velares que favorecem a elevação da média anterior [e] tanto em posição precedente quanto seguinte; e a nasalidade, favorável ao alçamento da média anterior /e/, mas desfavorável ao da média posterior /o/.

A autora argumenta que alguns fatores tendem a inibir o alçamento das vogais pretônicas: as palatais precedentes, alveolar precedente ou seguinte, e o acento subjacente da vogal candidata à aplicação da regra. Os elementos formadores de grau e outros sufixos (-zinho(a) e a maioria das derivações por -inho(a)) tendem também a bloquear o funcionamento da regra.

Os resultados levaram à constatação de que essa regra é aplicada de forma moderada no dialeto gaúcho, confirmando a predominância da realização fechada das vogais médias pretônicas.

Klunck (2007) estudou o alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, ou seja, em que a variação na pretônica não é motivada pela presença de uma vogal alta, no dialeto gaúcho da fala dos moradores de Porto Alegre. A autora chegou à conclusão de que a elevação das médias pretônicas sem motivação aparente tem pouca aplicação no dialeto gaúcho, especificamente, na amostra analisada que representa o falar de Porto Alegre. Houve 2229 ocorrências da vogal /e/, das quais apenas 96 elevaram-se, o que corresponde a

4% de aplicação da regra. A vogal /o/, semelhantemente, apresentou 1979 ocorrências e apenas 235 elevaram-se, correspondendo a 12% de aplicação.

As variáveis selecionadas e analisadas (Contexto Fonológico Seguinte, Contexto Fonológico Precedente, Altura da Vogal da Sílab Seguinte, Altura da Vogal da Sílab Precedente, Distância da Tônica, Tipo de Sílab, Nasalidade, Gênero e Grau de Escolaridade) consideradas estatisticamente relevantes pelo programa, não mostraram papel significativo na elevação das pretônicas, uma vez que os fatores, na maioria das vezes, apresentaram valores baixos ou neutros nas diferentes tabelas expostas.

Segundo Klunck (2007) esses resultados já eram esperados, pois, na variedade sulina, representada na fala dos moradores de Porto Alegre, há poucos casos de elevação da vogal média fora do contexto de vogal alta. Para a autora tudo indica que:

não estamos diante de uma regra no estilo neogramático, como a Harmonia Vocálica, mas diante de um processo que aparece modestamente no léxico como se fosse por ele controlado, pois, na vogal /o/, em que se faz relativamente mais presente, a elevação tende a envolver todo o paradigma a que pertence a palavra que mostra a vogal média convertida em vogal alta. Os registros de elevação ficaram, de fato, limitados à vogal /o/. A vogal /e/ apresentou-se escassamente como alta nos dados. (KLUNCK, 2007, p. 90-91).

Diante disso, a pesquisadora conclui que a elevação sem motivação aparente é um caso de difusão lexical, nas linhas defendidas por Oliveira (1991), embora nos dados de sua pesquisa se manifestem timidamente.

Quanto à região Sudeste, estudos acerca do dialeto fluminense foram realizados por Callou et al. (1991), que chegaram à conclusão de que a regra de elevação da vogal pretônica é um processo estável, não havendo qualquer indício de progressão da regra, mas de possível perda de produtividade. Callou; Moraes; Leite (2002) realizaram posteriormente um trabalho que aborda o aspecto variável da regra por meio de um estudo em tempo aparente e real com base em dados do dialeto carioca, estudos que levaram os autores à conclusão de que, no Rio de Janeiro, a regra não tende a se extinguir, mas a se manter estável. Os autores mostram que,

além de harmonia variável, como em b[e]bida/ b[i]bida; c[o]ruja/c[u]ruja, há casos em que as modificações do timbre da vogal pretônica são promovidas não pela vogal subsequente, mas pela consoante vizinha, como em m[o]leque/ m[u]leque; m[e]lhor/m[i]lhor; c[o]légio/c[u]légio. O mesmo ocorre em casos como b[o]ato/b[u]atu; b[o]neca/b[u]neca; m[o]starda/m[u]starda, confirmando os estudos de Bisol (1981).

Viegas (1987), ao analisar o dialeto mineiro, na fala de 16 habitantes da região metropolitana de Belo Horizonte, argumenta que a elevação da vogal média anterior /e/ e da média posterior /o/ são motivadas por processos fonológicos distintos – respectivamente, harmonização vocálica e assimilação dos traços consonantais adjacentes. A autora chega a essa conclusão, a partir da análise de palavras em que o alçamento não pode ser explicado pela harmonização, tais como ‘muleque’, ‘custela’, ‘sinhora’ e ‘simestre’. Nesses casos, o fator responsável pelo alçamento seriam as consoantes precedentes e seguintes, fato explicado devido à diminuição da diferença articulatória entre vogal pretônica e consoantes adjacentes.

Segundo Viegas (op. cit.), nas palavras em que as vogais médias estão em oposição distintiva às vogais baixas, alçam aquelas que têm menos prestígio social, palavras cujo uso é geralmente familiar, como *piru*. Por outro lado, é possível perceber que existem palavras com origem em um mesmo item lexical, porém, com significados distintos, em que um alça e o outro não, como: *cunserto* e *concerto*, *sintido* e *sentido* (como ordem militar). Esses itens são marcados, como um processo de valoração social e uma questão semântico-pragmática. Nesse sentido, a autora considera que o alçamento é um processo inteiramente lexical; no entanto, afirma que o alçamento ocorre também em nomes comuns marcados pela informalidade, mas que apresentam um contexto fonético natural.

Viegas (op. cit.) defende a ideia difusionista, em que a mudança sonora ocorre por meio do léxico, entretanto, a regra de alçamento não atingiria cegamente todas as palavras,

mas, apenas determinados vocábulos mais frequentes para o alçamento. Nesse sentido, fenômenos linguísticos configuram-se em aliança a fatores históricos e sociais.

A autora invoca, então, a máxima de que cada vocábulo tem sua própria história, isto é, para analisar a existência ou não do alçamento, é importante verificar se no latim havia ambiente que proporcionasse o aparecimento desse fenômeno, afirmando que alguns itens como *ciroulas*, *piqui*, *buteco* e *tumate*, por serem advindos de outras línguas, podem ter sido transferidos para o português com a vogal já alta, não apresentando, neste caso, o alçamento.

Célia (2004) analisou o falar de nove informantes do sexo feminino do município de Nova Venécia (ES). Com base nos subsídios do modelo-teórico metodológico da Sociolinguística Quantitativa, investiga o comportamento das vogais médias pretônicas, tendo em vista que elas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [ɛ, ɔ] e, desse modo, ela divide sua análise em fatores que influenciam o alçamento do traço de altura das vogais e fatores que favorecem o abaixamento.

Os resultados encontrados pela autora revelam a predominância das formas [e, o], sobre as altas [i, u] e, no caso do dialeto analisado, também sobre as baixas [ɛ, ɔ]. Quando comparadas as ocorrências de alteamentos e abaixamentos, o dialeto capixaba apresenta preferência ao segundo, conforme demonstra a autora, em casos do tipo *n[ɔ]vela*, *c[ɔ]rjosa*, *m[ɛ]lhor*, *lat[ɛ]ral*, etc.

Ainda de acordo com a análise de Célia (2004), para ambos os processos, o fator predominantemente relevante para a variação das pretônicas foi o traço de altura da vogal seguinte, ou seja, a presença de vogal alta [i, u] contígua favoreceu os casos de alçamento, da mesma forma que as vogais baixas [a, ɛ, ɔ], na sílaba seguinte, motivaram as ocorrências de abaixamento. Além da vogal seguinte, mostraram-se favorecedoras ao alteamento as variáveis: nasalidade, atonicidade, estrutura da sílaba em que se encontram as pretônicas e as consoantes a essas adjacentes.

Com relação à nasalidade, a autora verificou que, no caso da pretônica /e/, a nasalização apresentou-se de modo favorável ao alçamento, por exemplo, em *apr[i]ndi*. Quando a pretônica era /o/, entretanto, o mesmo não pode ser observado, uma vez que a nasalização desfavoreceu a elevação da vogal.

Com relação às consoantes precedentes, as palatais (*futebol*), seguidas pelas bilabiais (*pequena*), foram as mais favoráveis ao alteamento de /e/, enquanto às velares (*comércio*), foi atribuída a maior recorrência, na elevação da pretônica /o/. Na posição seguinte, o alçamento de /e/ foi favorecido pelas velares (*seguinte*) e o de /o/ pelas labiodentais (*governador*).

Ainda referente à região sudeste, Viana (2008) faz um estudo das vogais médias pretônicas [e] e [o] no falar de Pará de Minas. O *corpus* foi constituído por 33 informantes, com 17188 ocorrências, sendo 10679 para a análise do (e) e 6509 para análise do (o). Observa-se nos resultados que as vogais médias pretônicas apresentam três realizações na fala urbana de Pará de Minas: alteamento, manutenção e abaixamento. Porém, a manutenção das pretônicas é a mais frequente na fala paraminense.

A autora verificou que alguns contextos fonéticos são tão favorecedores da variação que chegam a ser quase categóricos, em qualquer dialeto. Um exemplo desse contexto é a influência da vogal seguinte imediata tônica, analisada por Bisol (1981) como um processo de harmonização vocálica. Na variação das vogais anteriores, a vogal média tônica imediata retém a média (*pretendo, aconteceu*); a vogal alta tônica imediata favorece enormemente a elevação do traço de altura da vogal média (e) (*sirviço, bibida, istuda, pirigo, minino, sigundo, pirdia*) e a vogal baixa tônica desfavorece o alçamento (*Fernando, lembranças, mercado, chegar*). A autora concluiu, ainda que muitos itens apresentam variação intraindividual, como, por exemplo, a informante X que pronuncia duas vezes [e]smaltado e uma vez [i]smaltado.

Diante desses fatos, Viana (2008) observou que, em relação ao falar de Pará de Minas, há um condicionamento lexical, ocorrendo uma mudança sonora lenta e gradual, que afeta primeiramente algumas palavras específicas e, só, então, estende-se, paulatinamente, para outras formas, o que propõe o modelo da Difusão Lexical.

Em relação à região Centro-Oeste do Brasil, Bortoni; Gomes; Malvar (1992) propõem examinar o condicionamento fonológico e a influência analógica nas regras de elevação e abaixamento das médias pretônicas, a partir da fala de 11 informantes de Brasília.

As autoras apresentam no trabalho evidências a favor da interpretação neogramática do fenômeno estudado (a exemplo da regra de harmonização vocálica na elevação do /e/ e a influência analógica da morfologia derivacional na variação de ambas) e apontam dados que, aparentemente, não são explicados pelo modelo neogramático – como, por exemplo, o item lexical *vestibular*, que possui os mesmos ambientes de *vestir/vestido*, favoráveis ao alçamento da vogal pretônica em função da presença de vogal alta na sílaba seguinte e sílaba travada por /S/, porém não elevou na fala brasiliense.

Quanto à região Nordeste, Silva (1989) é representante de um dos trabalhos mais importantes, realizado na cidade de Salvador. A autora constatou que as vogais médias fechadas ocorrem apenas antes de vogais orais da mesma altura, sendo que as médias abertas podem ocorrer nos demais contextos. Verificou também que existe alternância entre /u/, /o/ e /ɔ/, em um mesmo vocábulo antes de vogal alta na sílaba seguinte. Embora as médias abertas sejam as pretônicas predominantes na fala baiana, a ocorrência de médias fechadas antes de altas está restrita à fala culta, e se deve, segundo a autora, à interferência da fala sulista no falar baiano, ocorrendo com maior prestígio nos meios de irradiação cultural.

Podemos verificar que, de acordo com o trabalho de Nascentes (1953), para os subfalares brasileiros, tem se confirmado a divisão dialetal, por exemplo, no dialeto

riograndense (do Sul do país), Bisol (1981) demonstra a predominância de /e/ e /o/ e no dialeto de Salvador (Nordeste do país), Silva (1989) aponta para /ɛ/ e /ɔ/ como predominantes.

Com o intuito de desenvolver uma análise variacionista da pretônica semelhante às realizadas pelos autores citados anteriormente, faremos na próxima seção uma revisão da Teoria Variacionista de Labov (2008).

1.5 A Sociolinguística Variacionista

O modelo teórico-metodológico denominado Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista teve início na década de 1960 com William Labov. Ao contrário de outras teorias, essa perspectiva teórica considera a língua como um sistema social que tem existência na relação entre língua e sociedade. O social é trazido ao estudo linguístico, em uma direção diferente de correntes de estudo anteriores como a Teoria Gerativa, que considerava o falante ideal na abordagem da língua. O trabalho laboviano posta-se na defesa e busca de uma regularidade mesmo em dialetos não prestigiados socialmente, ou tidos por caóticos, desordeandos.

Ademais, a Sociolinguística Variacionista provê estudos empíricos que contrapõem a posicionamentos políticos e ideológicos excludentes com base nas diferenças linguísticas, aspecto que marca um diferencial dessa perspectiva em relação a noções prescritivas tradicionais da gramática normativa, por exemplo.

O modelo teórico variacionista propõe sistematizar a variação própria das línguas. Daí, os esforços de quantificação, o tratamento estatístico dos dados na busca de uma regularidade, empenhados por essa perspectiva, também denominada “Sociolinguística Quantitativa”. Nessa direção, tem-se a questão do ordenamento: posta a heterogeneidade dos falares, essa

metodologia pretende encontrar, a partir dos dados, uma ordem na emergência de processos/fenômenos e ocorrências.

Para se entender a noção de variação, atributo essencial das línguas naturais, devemos partir do pressuposto de que, além de a língua ser constituída por uma estrutura invariante, ela é composta também por estrutura variante que tem funcionamento próprio – foco de interesse nesse estudo – e que é estudada, sistematicamente, pela Sociolinguística.

Labov (2008), na noção de regra pressupõe uma variante padrão, mas também considera que formas distintas podem representar o mesmo estado de coisas em detrimento de uma regra geral.

Nesse sentido, a ocorrência de uma ou outra forma na fala de uma região será condicionada por variáveis linguísticas e extralinguísticas, determinantes de como poderá se dar uma dada ocorrência. Assim, é possível identificar variáveis internas e externas à língua. As primeiras incluem os fatores fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais; as variáveis externas, por sua vez, incluem os fatores inerentes ao indivíduo e aos fatores sócio-geográficos, como sexo, idade, escolaridade e região.

Cabe entender também a noção de variedade. Tal noção é relativa a um dado modo de falar em uma determinada região geográfica como uma cidade, um estado e uma região. Cada modo específico de dizer caracteriza uma variedade de uma determinada língua, que pode ter muitas delas e, inclusive, variedades de dialetos.

Nesse sentido, Tarallo (1997, p. 8) define que as variantes linguísticas são “[...] diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. A esse conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” ou dialeto. Nessa relação, que se dá pela subsistência e (/ou) coexistência das variantes, a presença de duas ou mais formas que expressam esse mesmo valor de verdade atesta a heterogeneidade característica da língua.

Vale dizer que, a Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo a *língua*, ou seja, o instrumento que as pessoas usam para comunicação na vida cotidiana, em que o vernáculo é extraído, isto é, fala em que há pouca monitoração, ou seja, momentos da fala em que a atenção que o falante volta à língua é mínima.

Para o Labov (2008, p. 63)², “um método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis na fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”. Assim, de forma a obter esses dados de fala, o pesquisador deve valer-se da observação sistemática, por meio de entrevistas. Disso decorre que o entrevistador se depara com o que Labov (2008) denomina *Paradoxo do observador*: o objetivo de uma pesquisa linguística é saber como as pessoas falam *quando não estão sendo observadas*, isto é, como acontece o falar em situações *naturais* de fala cotidiana. Frente a esse paradoxo, o modo de superá-lo é tentar romper os constrangimentos recorrentes na situação da coleta de dados, ou seja, fazer com que a entrevista aconteça da forma mais natural possível, envolvendo-se o informante com perguntas que recriem fortes emoções, tendo em vista a emersão do vernáculo.

Segundo Labov (2008, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Assim sendo, para estudar uma determinada língua é preciso também analisar o comportamento social da população falante.

Desde o surgimento da Teoria da Variação, Labov realizou várias pesquisas de cunho sociolinguístico, das quais três podem ser consideradas como relevantes para o desenvolvimento da disciplina. O primeiro trabalho é referente à estratificação social do [r] pós-vocálico em Nova Iorque; o segundo diz respeito à centralização dos ditongos [ay] e [aw]

² A obra de Labov foi originalmente publicada em 1972 e teve como título *Sociolinguistic Patterns*. O livro utilizado como referência, neste trabalho, foi *Padrões Sociolinguísticos* (2008). Tradução de: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

na Ilha de Martha's Vineyard e o terceiro considera o apagamento da cópula entre adolescentes negros do Harlem, bairro de Nova Iorque.

A pesquisa realizada em 1963 com a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, teve por objetivo compreender qual seria o padrão de distribuição das várias escolhas produzidas pelos falantes da ilha na realização dos ditongos /ay/, como em *right* e /aw/, como em *house*. Cabe considerar que a ilha de Martha's Vineyard sofreu muitas transformações sociais decorrentes da invasão dos veranistas no continente, o que consequentemente provocou mudanças linguísticas, nas quais os ditongos /ay/ e /aw/ passaram a ser pronunciados como [əi] e [əu].

Como resultado, Labov verificou que, em função da grande quantidade de veranistas na ilha, a centralização da vogal era produzida com maior frequência na parte superior de Martha's Vineyard, se comparados os falares nas partes superior e inferior da ilha. O autor verificou também que a faixa etária em que o fenômeno mais ocorre era a de 30 a 45 anos e que os nativos da ilha faziam uso da forma centralizada como forma de demarcar seu espaço, sua identidade e cultura.

Diante disso, Labov procurou mostrar que a língua não é homogênea: apresenta variações tanto nos eixos diatópicos quanto nos diastráticos. No primeiro, as alternâncias ocorrem em determinada região, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se expressam de acordo com os vários estratos sociais. Já, nesse sentido, percebemos que a variação linguística existe, ou seja, que na língua não há apenas uma única forma de falar.

Dos estudos de Labov resultou o entendimento de que a diversidade linguística é um traço constitutivo das várias sociedades, é algo inerente e esperado nas várias e em todas as línguas. Assim, recorreremos, para o desenvolvimento desse estudo, à metodologia de pesquisa analítico-descritiva proposta pela teoria Variacionista de Labov (2008).

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA PESQUISA

A descrição da metodologia utilizada nesta pesquisa encontra-se subdividida neste capítulo da seguinte forma: na primeira parte, discutimos o papel da Sociolinguística Variacionista, tendo em vista que o fenômeno linguístico em estudo, o alçamento das vogais pretônicas, acontece motivado não só por fatores internos, mas também fatores externos, concentrando-se na fala; na segunda, tratamos do cenário da pesquisa, ou seja, o contexto social do qual os entrevistados fizeram parte, seguida pelo critério de seleção dos informantes, cujos dados constituíram a amostra.

2.1 O tratamento estatístico da Sociolinguística Quantitativa

Esta pesquisa foi realizada com base na metodologia da Sociolinguística Quantitativa, utilizada para análise de fenômenos variáveis, conforme Labov (2008). Este tipo de metodologia caracteriza-se por considerar, na análise dos dados, fatores linguísticos e extralinguísticos.

A partir dessa metodologia, a língua passa a ser entendida como um sistema que possui regras variáveis e regras categóricas. Quando duas ou mais formas estão em concorrência em um mesmo contexto e a escolha depende de fatores estruturais ou externos ao sistema, tem-se uma regra variável. As regras categóricas são regras em que não há variação, elas não podem ser infringidas.

Segundo Guy (2007), a análise de regra variável tem o propósito de separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística.

De acordo com o autor:

Deve ser um pré-requisito para qualquer estudo quantitativo de variação linguística ter-se atingido uma posição clara e defensável sobre a natureza e o *locus* da variação; pesquisa pré- ou atórica e tão impossível em estudos quantitativos quanto em qualquer outra área (GUY, 2007, p. 36).

A investigação desse tipo de regra variável deve definir e codificar os grupos de fatores, assim como os contextuais que devem ser organizados e definidos como um *locus* na regra variável. Esses grupos de fatores são variáveis independentes, e os fatores no grupo são os valores possíveis dessa variável independente.

Guy (2007) aponta que o núcleo da análise da regra variável é a estimativa dos efeitos restritivos e sua significância. Deve-se calcular um valor numérico entre 0 e 1 para cada fator da análise, para indicar em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. Quando se tem um valor acima de 0,5, isso corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, no entanto, quando se tem um valor abaixo de 0,5, esse fator desfavorece a regra; já um valor exatamente igual a 0,5 implica um fator que não tem efeito na regra, ou seja, não contribui em nada para sua maior ou menor aplicação. Além disso, quando se tem um valor próximo de 0, isso indica que a regra relevante nunca se aplica no contexto daquele fator (“nocaute negativo”) e um valor próximo de 1 indica que a regra sempre se aplica no contexto daquele fator (“nocaute positivo”).

Assim sendo, submetemos nossos dados ao programa estatístico GoldVarb, com o intuito de garantir o desempenho de cada grupo de fator, linguístico e extralinguístico. Os resultados gerados serão interpretados a partir das seguintes informações:

- Frequência: corresponde ao valor indicativo da frequência de ocorrência do alçamento em percentuais.
- Peso Relativo: o peso relativo dos fatores vai de 0 a 1. Para efeito de análise, consideramos os valores mais próximos de 1 os mais favoráveis ao alçamento da vogal

e, de modo contrário, os mais próximos a 0 são interpretados como os menos favoráveis à aplicação da regra do alçamento.

Em síntese, observamos que, a partir da metodologia proposta por Labov, desenvolveram-se novos modelos, os quais podem ser facilmente manejado através de programas computacionais que compõem o pacote GoldVarb.

Com esta pesquisa, objetivamos analisar o alçamento das vogais pretônicas em nomes no falar araguarino, bem como realizar uma descrição da variação vocálica, especificamente, das vogais pretônicas. Araguari foi escolhida para esse trabalho por ser uma cidade sobre a qual, ainda não se realizaram estudos dessa natureza, considerando a variação do fenômeno em foco. Para entender os fatos linguísticos da população, faz-se necessário conhecer um pouco do seu contexto social, geográfico e político e, para isso, realizamos uma pequena descrição do cenário de pesquisa.

2.2 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada com informantes da cidade de Araguari, localizada no nordeste do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, distante 585 quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte, conforme Figura 4 abaixo:

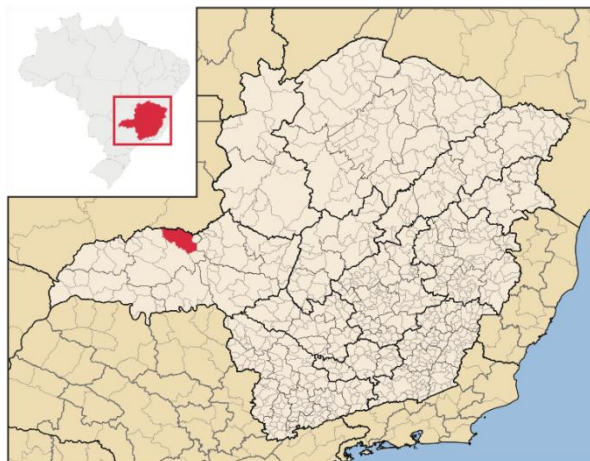


Figura 4 – Localização de Araguari-MG.
Fonte: Wikipédia.

2.2.1 Araguari³

A história dessa cidade remonta às primeiras décadas do ano de 1800. Brejo Alegre era o nome da sede do arraial, composto de algumas construções, dentre elas, uma pequena capela, residências, poucos cômodos comerciais, além de inúmeras fazendas. No ano de 1843, por meio da Lei n° 247, de 20 de julho, o Arraial passou a ser distrito de Sant’Ana do Rio das Velhas, sendo sua primeira distinção.

A denominação Freguesia foi alcançada em 1964, quando a Lei Provincial, n° 1195 de 06 de agosto determinou a transferência da Paróquia Sant’Ana para Brejo Alegre. A condição de “Vila” e o desmembramento territorial do município de Bagagem, atual Estrela do Sul, deram-se posteriormente, por intermédio da Lei Provincial, n° 2996, de 19 de outubro de 1882. A instalação oficial da Vila aconteceu apenas em 31 de março de 1884, com a posse da primeira Câmara Municipal, o que efetivou sua emancipação política.

³ Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto. Disponível em:
 <http://www.gazetadotriangulo.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=492:especial-araguari-em-dados-e-fotos&catid=18:geral&Itemid=162>. Acesso em: 03 mar. 2010.

A Lei Provincial, nº 3591 de 28 de agosto de 1888, elevou a Vila à categoria de cidade com o nome de Araguay. Vários pesquisadores tentaram explicar o motivo da alteração nominal, no entanto, nada foi comprovado documentalmente.

Aos poucos, foi delineando-se a localidade, agora com nova roupagem: Cidade de Araguay. Antes do limiar do novo século, o município apresentava-se com simplicidade, a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde com seu estilo colonial; o cemitério situado ao fundo da Igreja; as casas de “telhas ao vento”, ou seja, sem forração; e no centro da urbe, um córrego corria límpido, dividindo-a em duas partes distintas. De um lado, segundo consta, dava-se o nome de Goiás, e do outro, de Minas, em alusão aos estados fronteiriços. O pequeno comércio era composto de uma padaria, uma sapataria, duas farmácias e algumas “vendas”.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por mudanças na parte central da cidade, decorridas pela efetivação do traçado urbano e pela instalação, da Estrada de Ferro Goiás, no ano de 1906, que ligou o município ao Estado de Goiás, que fez gerar novas leva de migrantes para a cidade, que era sinônimo de oportunidade

Atualmente, com 123 anos, Araguari possui uma população de 109.779 habitantes, de acordo com o Censo de 2010, e, é considerada a terceira maior cidade do Triângulo Mineiro.

Está localizada no nordeste do Triângulo Mineiro, junto do rio Jordão, um afluente do Rio Paranaíba, a uma altitude que varia entre 940 e 1.087 metros. Segundo a Embrapa⁴, a cidade possui 12 km² de zona urbanizada e está localizada em um ponto estratégico de escoamento da produção do centro-oeste para São Paulo. Araguari tem como vizinha a cidade de Uberlândia, considerada a maior do Triângulo Mineiro – MG.

Araguari produz, em média, 600.000 sacas/ano (com 90% de suas lavouras irrigadas) de um dos cafés de melhor qualidade do Brasil e do mundo, tanto no tipo quanto no sabor.

⁴ Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

São 20.000 hectares com 42 milhões de covas, além de extensas áreas com lavouras de soja, laranja, milho, arroz, tomate, feijão, maracujá, acerola e uva que são colhidas e processadas pela indústria local, o que inclui três das maiores empresas de suco do país (Dafruta, Pomar e Maguary), que produzem 70 % dos sucos consumidos no país. É também a maior produtora de tomate do Estado, inclusive o de longa vida. Em abril de 2009 foi inaugurada na cidade a fábrica da Selecta, indústria de processamento de soja que gerou mais de 500 empregos. Atualmente, Araguari conta com várias indústrias de médio e pequeno porte: Frigoríficos, Calçados, Metalúrgica, Inox e várias outras. Possui também um rebanho misto de 145 mil cabeças de gado e diversos frigoríficos que completam um forte setor agropecuário altamente competitivo.

Desde 2005, o que mais tem chamado a atenção de um grande número de pessoas é o crescimento da cidade na área de Ensino Superior. Hoje, Araguari conta hoje com a UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos –, que já oferece até curso de Medicina. O ensino superior na cidade vem crescendo rapidamente, atraindo jovens de outras cidades para moradia e ou rotinas de estudo.

2.2.2 Critérios para a seleção das amostras e dos informantes

A escolha dos informantes para esse estudo obedeceu ao perfil delimitado pelas células de pesquisa e pelos fatores linguísticos propostos pelo projeto GEFONO – Grupo de Estudos em Fonologia, coordenado pelo Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, da Universidade Federal de Uberlândia – a saber: os entrevistados são naturais de Araguari ou se estabeleceram na cidade com, no máximo, cinco anos de vida e não se ausentaram da região por mais de 2 (dois) anos consecutivos.

Com relação ao *corpus* de pesquisa, foram utilizados dados de fala espontânea de 24 informantes, selecionados pelo método aleatório estratificado. Os informantes foram selecionados (i) por sexo, (ii) escolaridade e (iii) faixa etária. Em relação à variável sexo, foram 12 informantes do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

As células extralinguísticas da pesquisa foram definidas conforme Quadro 2 a seguir.

Total	Sexo	Anos de escolaridade	Faixa etária
24	(12) FEMININO	0 a 11anos de estudos mais de 11anos de estudos	15 a 25 anos
			26 a 49 anos
			50 anos acima
	(12) MASCULINO	0 a 11anos de estudos mais de 11anos de estudos	15 a 25 anos 26 a 49 anos 50 anos acima

Quadro 2 – Estratificação por sexo, escolaridade e faixa etária.

Nos Quadros 3 e 4, apresentamos a divisão das células extralinguísticas do município, representa o número exato de informantes que compõem esta pesquisa.

FEMININO	0 a 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		50 ou mais	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		50 ou mais	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

Quadro 3 – SEXO FEMININO – Distribuição dos informantes.

MASCULINO	0 a 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		50 ou mais	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		50 ou mais	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

Quadro 4 – SEXO MASCULINO – Distribuição dos informantes.

2.3 Definição das variáveis

Para a aplicação das regras que sistematizam a heterogeneidade linguística, pressuposto básico da Teoria Variacionista, faz-se necessário, inicialmente, proceder à identificação das dimensões linguísticas e extralinguísticas que podem estar influenciando na escolha de uma ou de outra variante de uma determinada variável.

Partimos, primeiramente, da definição da variável dependente.

2.3.1 Variável dependente

Uma variável é denominada *dependente*, porque o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (ou variáveis independentes), de natureza interna ou social, que podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Na análise dos dados, adotamos como *variável dependente* a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na comunidade de fala do município de Araguari – Minas Gerais. Foram descritas e analisadas duas variantes das vogais médias pretônicas, /e/ e /o/:

- [i] e [u]: realização alçada.
- [e] e [o]: realização não alçada.

2.3.2 Variáveis independentes

Segundo Mollica (2004) as variáveis independentes podem ser caracterizadas como grupos de fatores que atuam sobre as variáveis dependentes. As variáveis independentes são de dois tipos: linguísticas e extralinguísticas. As linguísticas são de natureza estrutural de uma língua e as extralinguísticas são sociais – grau de escolaridade, sexo, faixa etária, dentre outros.

2.3.2.1 Variáveis linguísticas

Elencamos um conjunto de *variáveis independentes* que julgamos relevantes na aplicação dessa regra variável. Desse modo, descrevemos na sequência as variáveis linguísticas que serão investigadas.

2.3.2.1.1 Vogal da sílaba tônica

Por meio dessa variável, analisamos o tipo de vogal imediatamente seguinte à vogal média pretônica. Na literatura, o alçamento é explicado por uma regra de harmonização

vocálica, que é propiciada por uma vogal alta tônica imediata. Dessa forma, consideramos a seguinte nomenclatura:

- Vogal alta [i, u]: menino, costume.
- Vogal média-alta [e, o]: pequeno, conforto.
- Vogal média-baixa [ɛ, ɔ]: melhor, comércio.
- Vogal baixa [a]: mercado, vontade.

2.3.2.1.2 Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica

Essa variável possibilita verificar o efeito da altura da vogal da sílaba precedente à média pretônica sobre o comportamento da vogal média pretônica, compreendendo os seguintes fatores:

- Vogal alta [i, u]: superficiais, caminhonete.
- Vogal média-alta [e, o]: exercício, rodoviária.
- Vogal baixa [a]: amarelinha, abobrinha.
- Ausência de vogal⁵.

2.3.2.1.3 Contexto fonológico precedente

As consoantes que acompanham as vogais médias pretônicas podem influenciar na variação das vogais pretônicas, uma vez que o ponto e o modo de articulação dos segmentos consonantais podem favorecer ou inibir o alçamento dessas vogais. Portanto, consideramos os seguintes contextos:

⁵ Nenhuma vogal precedente à vogal pretônica.

Articulação da consoante precedente

Ponto

- Labial: **feliz**, **bonito**;
- Coronal: **dentista**, **cotovelo**;
- Dorsal: **querido**, **governo**.

Modo

- Contínuo: **verdade**, **formiga**;
- Não contínuo: **mentira**, **cozinha**.

2.3.2.1.4 Contexto fonológico seguinte

Assim como as precedentes, as consoantes que se localizam posteriormente à vogal pretônica serão agrupadas a partir do ponto e modo de articulação, tendo em vista que os segmentos consonantais seguintes também podem favorecer ou inibir o alçamento dessas vogais:

Articulação da consoante seguinte

Ponto

- Labial: **semana**, **novela**;
- Coronal: **mendigo**, **sonhador**;
- Dorsal: **seguro**, **fogão**.

Modo

- Contínuo: **versículo**, **moleque**;
- Não contínuo: **semestre**, **notícia**.

2.3.2.1.5 Nasalidade

Conforme Bisol (1981), a nasalidade é relevante uma vez que as vogais, quando em contato com elemento nasal, mudam de timbre, o que, de certa forma, pode influenciar, ou não, o alicamento das vogais médias pretônicas. Dessa forma, classificamos a vogal média pretônica em:

- Oral: atarefada, possibilidade.
- Nasal: mensagem, conforto.

2.3.2.1.6 Tipo de sílaba da vogal média pretônica

Para essa variável, investigamos se a estrutura da sílaba a que pertence a vogal pretônica em questão atua no favorecimento ou não de determinada variante. Foram considerados dois tipos de estrutura silábica, denominadas *leve e pesada*.

- Leve: constitui-se de uma consoante (C) e de uma vogal (V), como em comida e menino;
- Pesada: compõe-se de CVC, como em conversa e verdade.

2.3.2.1.7 Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica

A análise da variável distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica possibilitou observar em que medida a adjacência ou não da sílaba tônica apresenta-se como relevante ao alicamento vocálico. Segundo Bisol (1981), quanto mais afastadas as posições da

sílaba tônica menos propensas seriam ao alçamento. Para constituir este grupo, selecionamos os fatores seguintes, de 1 a 4, sendo 1 o grau de maior aproximação entre as vogais tônica e a pretônica:

- (1) perfeito, comida.
- (2) restaurante, convivência.
- (3) religião, computador.
- (4 ou mais) responsabilidade, possibilidade.

2.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

Nesta pesquisa, consideramos três variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária, anos de escolaridade, conforme descrição feita a seguir.

2.3.2.2.1 Sexo

A variável sexo é relevante para o comportamento linguístico. Segundo Labov (2008), em situações formais, as mulheres empregam menos variantes estigmatizadas do que os homens, isso significa que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais valorizadas socialmente. Por essa razão, adotamos, neste trabalho, a variável sexo feminino e masculino.

2.3.2.2.2 Faixa etária

Conforme pesquisas já realizadas, a variável faixa etária é um fator significativo no estudo de um fenômeno variável. A variação linguística acontece no decorrer do tempo e somente se os falantes incorporarem essa variação. Em nossa pesquisa utilizamos o seguinte recorte na seleção da faixa etária dos informantes: 15 a 25 anos; 26 a 49 anos e 50 anos ou mais.

2.3.2.2.3 Anos de escolaridade

Segundo Votre (2004) a formação escolar gera mudanças na fala e na escrita dos indivíduos, geralmente, privilegiando as formas mais prestigiadas. Desse modo, os falantes com menor ou sem nenhuma escolaridade tendem a usar formas mais estigmatizadas, enquanto aqueles com maior escolaridade usam mais a norma padrão. Compreendemos, aqui, o fator escolaridade, isto é, a influência dessa variável no processo do alicamento das vogais médias pretônicas. Para este trabalho, a variável escolaridade foi dividida de acordo com os anos de estudos cursados pelos informantes: 0 a 11 anos de estudos e acima de 11 anos de estudo.

2.3.3 Delimitação da variável dependente

Na organização da amostra, algumas palavras foram excluídas devido à elevação quase categórica do fenômeno analisado, já registrada em pesquisas como Bisol (1981). Os contextos que não foram analisados neste estudo são os seguintes:

- a) eN, eS e prefixo des iniciais, para evitar contextos de alçamento quase categórico (entulho, estudo, desliga);
- b) vogais em sequência que formam ditongo ou hiato (teatro, doente).

Além dos contextos acima destacados, ressaltamos ainda que nos casos em que a mesma palavra tem mais de uma vogal pretônica, como em *t[e]l[e]visão*, *prom[o]t[o]ria*, consideramos, na análise, apenas o contexto da pretônica mais próxima, ou seja, as sílabas [le] do item *televisão* e a sílaba [to] de *promotoria*.

2.4 Coleta, codificação dos dados e o software GoldVarb

2.4.1 Critérios para coleta dos dados e contato com os informantes

Para a coleta dos dados analisados nesta pesquisa, utilizamos gravação (com o instrumento MP5) da fala dos informantes, bem como fichas sociais para catalogação dos seguintes dados: local, idade, sexo e faixa etária. Primeiramente, o informante preencheu uma ficha social e, após isso, foi agendada uma entrevista. As gravações foram realizadas uma única vez, nas residências dos informantes e nos locais de trabalho, com duração em torno de 30 a 45 minutos.

Os dados foram coletados por meio de uma narrativa livre, com o objetivo de buscar o vernáculo, ou seja, a fala menos monitorada possível. Assim, foi possível verificar na fala dos informantes, os contextos em que houve o alçamento da vogal pretônica. Para o desenvolvimento da narrativa livre, elaboramos um roteiro para conversa (Apêndice A) sobre assuntos relacionados a experiências pessoais dos entrevistados, quais sejam: infância, religião, casamento, trabalho, entre outros. Após a entrevista, os dados foram transcritos, segundo critérios do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba – VALPB (Anexo 1),

adotado, também, pelo GEFONO, da Universidade Federal de Uberlândia. Feitas as transcrições das entrevistas, os dados foram selecionados e codificados, segundo critérios pré-estabelecidos e processados pelo programa de análise quantitativa GoldVarb para posteriormente fazermos uma análise qualitativa.

2.4.2 Codificação dos dados

Nos quadros abaixo, apresentamos os códigos das variáveis linguísticas, extralinguísticas, bem como a codificação de cada informante.

Variáveis linguísticas	
<p>Variável dependente</p> <p>Alçamento de /e/ – 1 Alçamento de /o/ – 2 Não alçamento de /e/ – 0 Não alçamento de /o/ – 3</p>	<p><u>3 Nasalidade</u> Oral – o Nasal – w</p> <p><u>4 Distância da tônica</u> 1, 2, 3, 4</p>
<p>Variáveis independentes</p> <p><u>1 Contexto fonológico precedente</u></p> <p>1.1 Ponto Labial – h Coronal – t Dorsal – k</p> <p>1.2 Modo Contínuo – c Não contínuo – v</p> <p><u>2 Contexto fonológico seguinte</u></p> <p>2.1 Ponto Labial – m Coronal – g Dorsal d</p> <p>2.2 Modo Contínuo – j Não contínuo – n</p>	<p><u>5 Tipo de Sílabas da vogal média</u> Aberta – b Fechada – f</p> <p><u>6 Vogal da sílaba precedente</u> Vogal alta – u Vogal média – e Vogal baixa – a Nenhuma – 5</p> <p><u>7 Vogal da sílaba tônica</u> Vogal alta – i Vogal média alta – o Vogal média baixa – v Vogal baixa – q</p>

Quadro 5 – Codificação das variáveis linguísticas.

Variáveis extralinguísticas
<u>8 Sexo</u> Feminino – f Masculino – m <u>9 Faixa etária</u> 15 a 25 anos – 6 26 a 49 anos – 7 50 anos acima – 8 <u>10 Anos de escolaridade</u> 0 a 11 anos de estudo – z Acima de 11 anos de estudo – e

Quadro 6 – Codificação das variáveis extralinguísticas.

2.4.3 O programa computacional GoldVarb

O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, por Robinson, Lawrence e Tagliamonte, para o sistema operacional Windows construído a partir do programa anterior, GoldVarb 2.0, de Rand & Sankoff para Macintosh (Freitag e Mittmann, 2005). Trata-se de uma ferramenta de análise estatística com as mesmas características do programa Varbrul, sendo “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105).

O GoldVarb 2001 é um programa estatístico utilizado como suporte para a análise quantitativa de dados, ou seja, por meio dele se faz uma análise multivariacional dos dados. Tal análise permite ao pesquisador obter em valores estatísticos, a seleção das variáveis independentes (fatores linguísticos e extralinguísticos) mais relevantes na produção do fenômeno analisado; as frequências de uso e o peso relativo correlacionados a cada um dos valores das variáveis independentes, e o nível de significância dos resultados obtidos.

Os resultados obtidos por meio do GoldVarb 2001 são evidências que auxiliam ao pesquisador, confirmar ou não, sua hipótese inicial. Assim, se um fenômeno linguístico tem seus grupos de fatores apontados como não significativos pelo programa, a hipótese é rejeitada; se os grupos de fatores são significativos, mas a influência desses fatores não é como a prevista no valor de aplicação, a hipótese também é rejeitada. Por outro lado, se os grupos de fatores são significativos e a influência desses fatores é como a prevista no valor de aplicação, a hipótese é confirmada.

A seguir, no próximo capítulo, apresentamos a análise estatística e a discussão dos resultados sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos não só os resultados obtidos pela análise quantitativa dos dados, a partir da submissão destes ao programa estatístico GoldVarb, mas também uma análise dos resultados considerados mais relevantes para a caracterização do alçamento vocálico no falar araguarino. Vale observar que esses resultados possibilitaram descrever e discutir a atuação das variáveis linguística e extralinguística no fenômeno fonológico em estudo.

As amostras submetidas ao programa totalizaram-se em 4191 dados (Tabela 1), sendo que em 2709 são ocorrências da vogal média /e/ e 1482 são da vogal média /o/.

Tabela 1 – Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Araguari (MG)

Vogais médias pretônicas	Total de Alçamentos/ Total de ocorrências	%
/e/	336/2709	12
/o/	254/1482	17

Das 24 entrevistas realizadas no município de Araguari, notamos que, as vogais médias /e/ e /o/ apresentam praticamente a mesma suscetibilidade para sofrer o alçamento, uma vez que a porcentagem de aplicação da regra no contexto da vogal coronal (12%) não mostra uma diferença percentual muito elevada da vogal labial (17%), apenas (5%). Apesar de próximas, essas porcentagens são indícios de uma tendência a maior alçamento de /o/ do que de /e/. Este fato, em que a vogal labial tende a alçar mais que a vogal coronal, é mais evidente nas porcentagens das pesquisas de Bisol (22% de alçamento de **e** e 33% de **o**); Silva (20% de alçamento de **e** e 25% de **o**) e Célia (14% de alçamento de **e** e 20% de **o**).

Um dado merecedor de destaque é o fato de na fala da variedade dialetal, aqui, estudada, o percentual de alçamento /e/ e o percentual de alçamento /o/ é bem próximo aos dados obtidos nos estudos de Célia (2004), em Nova Venécia (ES).

Nas seções seguintes apresentamos, em termos de percentuais e pesos relativos, o comportamento das vogais médias coronal e labial.

3.1 O alçamento da vogal média /e/

As rodadas de *stepping up/stepping down*⁶ permitiram que o programa GoldVarb selecionasse as variáveis que favorecem ou não o alçamento /e/ no falar araguarino. Assim sendo, as variáveis estatisticamente relevantes para o programa foram as variáveis linguísticas e as extralinguísticas, conforme descrição abaixo.

Variáveis linguísticas:

- a) vogal da sílaba tônica;
- b) contexto fonológico seguinte: modo de articulação;
- c) vogal da sílaba precedente à vogal pretônica;
- d) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação;
- e) contexto fonológico precedente: ponto de articulação;
- f) nasalidade da sílaba pretônica;

Variáveis Extralinguísticas:

- a) faixa etária;
- b) sexo;

⁶ A rodada *stepping up* realiza a escolha de grupos de fatores significativos, por ordem de seleção. Já a rodada *stepping down* funciona pelo mesmo princípio do *stepping up*, mas no sentido contrário.

c) anos de escolaridade.

Como não relevante para o alçamento, o programa selecionou as seguintes variáveis:

- a) tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica;
- b) contexto fonológico precedente: modo de articulação;
- c) distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica.

3.1.1 Variáveis linguísticas

3.1.1.1 Vogal da sílaba tônica

A variável vogal da sílaba tônica foi selecionada pelo programa como a mais relevante para o alçamento de /e/. Na Tabela 2, a seguir, apresentamos os resultados referentes a essa variável.

Tabela 2 – Vogal da sílaba tônica

Vogal da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal alta	219/575	38	0,91
Vogal média alta	60/976	6	0,55
Vogal média baixa	50/178	22	0,87
Vogal baixa	7/863	1	0,08

Input: 0.014

Significance: 0.020

A Tabela 2 mostra que a vogal alta na sílaba tônica apresentou o contexto mais favorável ao alçamento de /e/, com peso relativo de 0,91. Exemplos: *al[i]gria*, *m[i]nino*, *s[i]guro*, *ff[i]liz*, *s[i]rviço*, o que corrobora as pesquisas de Bisol (1981), Viegas (1987) e Célia (2004).

A vogal média baixa apresentou o segundo maior índice para a elevação de /e/, com peso relativo de 0,87, considerando que alguns itens como *sinh[ɔ]r* e *melh[ɔ]r*, um total de 50 ocorrências, apresentaram 17 e 29 ocorrências, respectivamente.

Em nosso trabalho não fizemos uma análise separada entre os efeitos das vogais altas /i/ e /u/ para o alçamento das vogais médias pretônicas, visto que não consideramos significativo, observamos apenas a atuação da vogal alta na sílaba tônica.

3.1.1.2 Contexto fonológico seguinte: modo de articulação

Na Tabela 3 a seguir, são apresentados os resultados referentes à influência das consoantes localizadas após a vogal candidata ao alçamento. Dessa forma, as consoantes coronais são classificadas de acordo com seus respectivos modos de articulação.

Tabela 3 – Contexto fonológico seguinte: modo de articulação

Modo de articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Contínuo	59/1728	3	0,27
Não contínuo	277/645	30	0,86

Input: 0.014

Significance: 0.020

Com base na Tabela 3, notamos que o segmento não contínuo favoreceu o alçamento da vogal média /e/ com peso relativo de 0,86. Na maior parte dos trabalhos como em (Bisol, 1981; Célia, 2004; Viegas, 1987) o segmento velar – segmento não contínuo – atua de modo bastante favorável ao alçamento. As ocorrências encontradas de pretônica /e/ que ilustram a importância do segmento velar seguinte são: *si[g]urança*, *pi[k]eno*, *si[m]estre*, *si[p]or*.

3.1.1.3 Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica

A variável vogal precedente à vogal média pretônica foi a terceira variável linguística selecionada pelo programa como relevante para o alçamento de /e/ no falar araguarino. A seguir, os resultados estatísticos sobre essa variável.

Tabela 4 – Vogal precedente à vogal média pretônica

Vogal precedente	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Ausência de vogal	265/1454	15	0,65
Vogal alta	41/324	11	0,54
Vogal média	6/481	1	0,10
Vogal baixa	24/114	17	0,29

Input: 0.014

Significance: 0.020

De acordo com a Tabela 4, notamos, em relação à essa variável, que o alçamento ocorreu com mais frequência sem a presença de qualquer vogal antes da média pretônica, ou seja, o contexto em sílaba inicial favoreceu o alçamento de /e/ com peso relativo de 0,65. As

ocorrências de pretônica /e/ que podem ilustrar a importância do segmento sem a presença da vogal são: *s[i]gundo*, *p[i]quena*, *m[i]lhor*, *s[e]rviço*, *ff[i]liz*.

Observamos, ainda, que a vogal alta, apesar de o peso relativo estar próximo ao neutro, favoreceu levemente o alçamento de /e/, com peso relativo de 0,54. Isso se deveu ao fato de a palavra futebol, apresentar 14 ocorrências, sendo todas alçadas, comprometendo, desta forma, a regularidade. Como vemos a presença de vogal alta precedente não se mostra como um elemento motivador para o alçamento, bem como as sílabas que apresentam vogais médias e baixas diante de /e/, isto, por apresentarem valores abaixo ao ponto neutro.

3.1.1.4 Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

A quarta variável escolhida pelo programa GoldVarb como relevante para alçamento de /e/ está demonstrada na Tabela 5 abaixo.

Tabela 5 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

Ponto de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Labial	23/223	9	0,31
Coronal	218/2283	10	0,48
Dorsal	95/108	47	0,82

Input: 0.014

Significance: 0.020

Na Tabela 5, observamos que o contexto fonológico seguinte dorsal foi o mais favorável ao alçamento com peso relativo de 0,82. Os pontos de articulação labial e coronal foram desfavoráveis ao alçamento de /e/ com pesos relativos de 0,31 e 0,48, respectivamente.

Os resultados apresentados coincidem com os obtidos em estudos sobre a harmonização vocálica, realizados principalmente por Bisol (1981) e Silva (1989). Ambas as pesquisas mostraram que a dorsal quando subsequente à pretônica, tende a favorecer a elevação de /e/, como nas palavras *pi[k]eno* e *si[g]uro*.

Em relação à coronal e à labial confirmam os resultados que vem sendo mostrados na literatura, isto é, são pouco motivadoras de regras de alçamento de /e/. O contexto coronal tende a preservar a vogal média, por força de sua articulação não alta.

3.1.1.5 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

O contexto fonológico precedente ponto de articulação foi a quinta variável escolhida pelo programa como relevante para o alçamento de /e/. Os resultados obtidos estão demonstrados na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

Ponto de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Labial	194/1243	13	0,57
Coronal	117/1219	10	0,38
Dorsal	25/28	47	0,94

Input: 0.014

Significance: 0.020

Verificamos que o ponto de articulação dorsal favoreceu ao alçamento com peso relativo de 0,94. A labial apresenta o segundo maior índice de aplicação para /e/ com peso relativo de 0,57, enquanto a coronal apresenta um índice abaixo do neutro com 0,38.

Bisol (1981, p. 97) observa que a consoante velar (dorsal) aparece como forte motivador da elevação de /e/. Segundo a autora, essa consoante possui articulação alta, pois “para emitir uma consoante velar, levanta-se a parte posterior da língua contra o palato mole”, fator este que exerce influência do condicionador da regra de harmonização. Os resultados obtidos pela autora, em comparação aos dados do falar araguarino, são similares.

3.1.1.6 Nasalidade da sílaba pretônica

A variável nasalidade da sílaba pretônica foi selecionada como a sexta estatisticamente relevante para o alçamento de /e/. A Tabela 7 a seguir, apresenta os resultados obtidos sobre a nasalidade pretônica.

Tabela 7 – Nasalidade da sílaba pretônica

Nasalidade	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal oral	324/2145	13	0,54
Vogal nasal	12/228	5	0,12

Input: 0.014

Significance: 0.020

Na Tabela 7, observamos que a vogal nasal desfavoreceu a elevação da pretônica /e/ com peso relativo 0,12. Quanto à vogal oral, esta apresentou um índice maior, com peso relativo de 0,54, para a elevação da vogal /e/.

Diferentemente de outros estudos sobre a elevação das médias pretônicas que apontaram papel relevante da nasalidade apenas para /e/, conforme Bisol (1981) e Célia

(2004), nossa análise mostrou o contrário, ou seja, a vogal oral tende a ser mais propícia para sofrer o alçamento de /e/ do que a vogal nasal.

3.1.2 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas consideradas relevantes pelo programa foram: faixa etária, sexo e anos de escolaridade.

3.1.2.1 Faixa etária

A variável faixa etária foi selecionada como a sétima estatisticamente relevante para o alçamento de /e/. A Tabela 8, a seguir, apresentamos os resultados referentes a essa variável.

Tabela 8 – Faixa etária

Faixa etária	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
15 a 25 anos	29/563	5	0,23
26 a 49 anos	183/1107	14	0,59
50 anos acima	124/703	15	0,58

Input: 0.014

Significance: 0.020

A Tabela 8 mostra que os mais jovens, entre 15 e 25 anos, são os que menos fazem o alçamento da vogal /e/. Bisol (1981) constatou que as pessoas com menor idade são as que tendem a usar menos esta regra. No dialeto gaúcho, segundo a autora, esta é uma regra em vias de um progresso de regressão. Admitimos que a argumentação elaborada por esta pesquisadora sustenta também os resultados observados em nossos dados.

3.1.2.2 Sexo

A Tabela 9, a seguir, apresenta os resultados relativos à variável sexo.

Tabela 9 – Sexo

Sexo	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Homem	211/1607	13	0,59
Mulher	125/1102	11	0,36

Input: 0.014

Significance: 0.020

Os resultados apresentados na Tabela 9 mostram que os homens tendem a alcançar mais a vogal pretônica do que as mulheres, o que atribuiria a eles o papel de inovadores, quanto, às mulheres observamos que elas são mais preservadoras das formas de maior prestígio.

Viegas (1987), ao estudar as médias pretônicas, demonstrou em seus resultados que os homens alcançam a pretônica /e/ mais do que as mulheres, e que confirma o resultado de nossos dados. O mesmo foi verificado por Klunck (2007), em Porto Alegre.

3.1.2.3 Anos de escolaridade

A Tabela 10 apresentada na sequência mostra os resultados referentes à variável anos de escolaridade.

Tabela 10 – Anos de escolaridade

Anos de escolaridade	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
0 a 11 anos de estudos	156/1125	14	0,55
mais de 11 anos de estudos	180/1584	11	0,45

Input: 0.014

Significance: 0.020

Conforme Tabela 10, os informantes com mais de 11 anos de estudos⁷, ou seja, com nível superior, tendem a preservar mais o alçamento da pretônica /e/, o que nos permite inferir que falantes menos escolarizados elevam mais a pretônica em oposição aos mais escolarizados.

Com base nos estudos sociolinguísticos, esse resultado já era esperado, isto é, indivíduos que tiveram mais acesso à escrita tendem a aproximar sua fala a essa modalidade, ao contrário daqueles que foram menos expostos a ela.

3.2 O alçamento da vogal média /o/

Apresentamos a seguir, as rodadas de *stepping up/stepping down* que permitiram o GoldVarb selecionar as variáveis as quais favoreceram ou não o alçamento /o/ no falar araguarino. Desse modo, as variáveis estatisticamente relevantes para o programa foram:

Variáveis linguísticas:

- a) vogal da sílaba tônica;
- b) tipo de sílaba da vogal pretônica;

⁷ Todos os informantes entrevistados, com mais de 11 anos de estudos, possuíam nível superior.

- c) contexto fonológico precedente: modo de articulação;
- d) vogal da sílaba precedente à vogal pretônica;
- e) distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica;
- f) contexto fonológico precedente: ponto de articulação;

E as variáveis irrelevantes foram:

Variáveis linguísticas:

- a) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação;
- b) contexto fonológico seguinte: modo de articulação;
- c) nasalidade.

Variáveis extralinguísticas:

- a) sexo;
- b) anos de escolaridade;
- c) faixa etária.

Como se pode observar as únicas variáveis selecionadas pelo programa como relevantes para o alçamento de /e/ e /o/ que coincidiram foram: contexto fonológico precedente: ponto de articulação, vogal da sílaba precedente à vogal pretônica e vogal da sílaba tônica. As variáveis contexto fonológico seguinte: modo de articulação, contexto fonológico seguinte: ponto de articulação, nasalidade da sílaba pretônica, sexo, anos de escolaridade e faixa etária foram selecionadas como relevantes apenas para vogal /e/ e as variáveis tipo de sílaba da vogal pretônica, distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica e contexto fonológico precedente: modo de articulação apenas para vogal /o/.

3.2.1 Variáveis linguísticas

3.2.1.1 Vogal da sílaba tônica

A variável vogal da sílaba tônica foi selecionada pelo programa como a variável mais relevante também para o alçamento de /o/. Na Tabela 11, apresentamos os resultados referentes a essa variável.

Tabela 11 – Vogal da sílaba tônica

Vogal da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal alta	195/436	45	0,83
Vogal média alta	17/359	5	0,28
Vogal média baixa	22/152	14	0,44
Vogal baixa	20/535	4	0,33

Input: 0.051

Significance: 0.002

Como podemos observar, os resultados apontam que a vogal tônica alta é o ambiente mais favorável para a elevação da pretônica /o/, com peso relativo de 0,83. Isto é, o alçamento da vogal pretônica /o/ resultou da assimilação da vogal alta. Isso se confirma quando observamos ocorrências do tipo *b[u]nita*, *c[u]mida*, *p[u]lítica*, *c[u]zinha*, *s[u]brinho*.

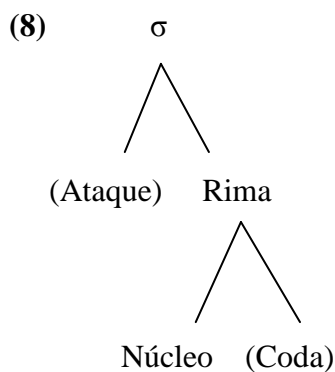
As vogais médias /e, ε, o, ɔ/ e a vogal baixa /a/ em sílaba tônica tendem a inibir o processo de alçamento.

Bisol (1981), em sua tese concluiu que as vogais altas (i/u) são altamente favorecedoras para a elevação da vogal /o/. Fato semelhante ao alçamento da vogal pretônica /o/ no falar araguarino em que a vogal alta na sílaba tônica foi favorecedora ao alçamento de /o/.

3.2.1.2 Tipo de sílaba da vogal pretônica /o/

A noção de sílaba trabalhada nesse grupo de fatores, leve (aberta) ou pesada (fechada) deriva da estrutura hierárquica da sílaba. Segundo Selkirk (1982 *apud* COLLISCHONN, 2001), a sílaba é uma estrutura elementar que se caracteriza, dentre outros aspectos, por diferenciar as línguas.

A estrutura silábica é composta pelo conjunto de elementos que pode ocorrer na formação da sílaba, quais sejam: *ataque* – parte inicial da sílaba constituída por uma ou mais consoantes, que antecedem o núcleo da sílaba; *rima* – constituinte silábico formado pelo núcleo (obrigatório) e pela coda (não obrigatória) de uma sílaba; *núcleo* – elemento interior da rima de uma sílaba, precedido pelo ataque e seguido pela coda. É geralmente constituído por uma vogal e *coda* – parte final de uma sílaba constituída por segmentos consonânticos, conforme modelo apresentado em (8).



Nesse sentido, sílaba leve é aquela que apresenta a rima sem qualquer ramificação, enquanto que a sílaba pesada é aquela em que a rima se ramifica. Pode-se dizer que, ignorando-se o ataque, na rima, a sílaba pesada possui um segmento além do núcleo, que vem a constituir a coda, a qual se encontra ausente nas sílabas leves possuidoras, apenas, de um segmento no núcleo.

A variável tipo de sílaba da vogal pretônica /o/ foi selecionada pelo programa como a segunda variável relevante para o alçamento de /o/. No alçamento de /e/, essa variável foi considerada como irrelevante pelo programa.

Tabela 12 – Tipo de sílaba da vogal pretônica

Tipo de sílaba	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Aberta	236/832	29	0,71
Fechada	17/650	3	0,24

Input: 0.051

Significance: 0.002

Conforme os resultados apresentados na Tabela 12, a sílaba aberta é mais favorecedora para a elevação da vogal pretônica /o/, com peso relativo de 0,71, como exemplos de alçamento com a pretônica em sílaba aberta temos: *p[i]rigosa*, *b[i]bida*, *s[i]guinte*. Já a sílaba fechada foi desfavorecedora para o alçamento de /o/, com peso relativo abaixo do neutro 0,24. Esses resultados coincidem com aqueles apresentados pela pesquisadora Célia (2004), quando da análise dos dados de Nova Venécia (ES). Essa variável

para o alçamento da vogal pretônica /e/ foi excluída pelo programa por ser considerada irrelevante se comparada às outras variáveis concorrentes.

3.2.1.3 Contexto fonológico precedente: modo de articulação

Na Tabela 13, são apresentados os resultados referentes à influência das consoantes localizadas antes da vogal candidata ao alçamento.

Tabela 13 – Contexto fonológico precedente: modo de articulação

Modo de articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Contínuo	11/267	4	0,16
Não contínuo	242/1215	20	0,58

Input: 0.051

Significance: 0.002

Nos dados apresentados acima, observamos que o modo de articulação não contínuo em contexto precedente foi favorecedor ao alçamento da pretônica /o/, com peso relativo de 0,58, como, por exemplo, nos itens: *g[u]verno*, *t[u]mate*, *b[u]neca*, *p[u]licial*; já, o modo contínuo é um fator inibidor do alçamento com peso relativo abaixo do neutro.

Bisol (1981) verificou que as consoantes prevocálicas labiais e velares foram favorecedoras ao alçamento de /o/, com a preponderância da labial. Ou seja, a maioria das consoantes não contínuas (labial e velar) foram favorecedoras ao alçamento de /o/ no falar do Sul, como no estudo de Célia (2004), em que o modo de articulação precedente favorecedor

ao alçamento de /o/ foram as velares com peso relativo .67, fato esse que aproxima ao falar araguarino, visto que as dorsais se caracterizam por apresentar uma articulação alta, favorecendo ao alçamento e as labiais por estarem aparentadas pelo traço de labialidade com a vogal /o/, fator que também favorece ao alçamento da pretônica /o/.

3.2.1.4 Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica

A variável vogal precedente à vogal média pretônica foi a quarta variável linguística selecionada pelo programa como relevante para o alçamento de /o/ no falar araguarino. A seguir, os resultados referentes a essa variável.

Tabela 14 – Vogal precedente à vogal média pretônica

Vogal precedente	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Ausência de vogal	236/1137	21	0,60
Vogal alta	5/101	5	0,35
Vogal média	1/169	1	0,08
Vogal baixa	11/75	15	0,48

Input: 0.051

Significance: 0.002

Na Tabela 14, observamos que o fator ausência de vogal precedente, ou seja, o alçamento em sílaba inicial foi mais favorecedor, com peso relativo de 0,60, como nos exemplos: *b[u]neca*, *d[u]mingo*, *c[u]zinha*, *m[u]leque*. As vogais, baixa, média e alta no contexto precedente foram desfavorecedoras com pesos relativos abaixo do neutro.

Como já mencionado nas análises do alçamento de /e/, essa variável vogal precedente à vogal média pretônica é um fator que não oferece motivação para o alçamento da vogal pretônica.

3.2.1.5 Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica

A variável linguística Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica foi a quinta selecionada pelo programa como relevante para o alçamento de /o/. A seguir, os resultados estatísticos referentes a essa variável.

Tabela 15 – Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica

Distância da sílaba tônica	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
1	221/1031	21	0,56
2	17/345	5	0,27
3	16/106	15	0,69

Input: 0.051

Significance: 0.002

De acordo com a Tabela 15, constatamos que a distância 3 foi favorecedora para o alçamento da pretônica /o/, com peso relativo de 0,69. A distância 1 foi o segundo fator mais favorecedor, com peso relativo de 0,56 e a distância 2 foi desfavorecedora ao alçamento com peso relativo abaixo do neutro.

Segundo Bisol (1981), as distâncias mais afastadas seriam menos propensas ao alçamento das pretônicas, ou seja, a distância 3 tende a desfavorecer o alçamento das médias pretônicas. Nossos dados divergiram do esperado para a pretônica /o/, pois, de acordo com os resultados, a distância 3 foi o fator mais favorável para o alçamento de /o/.

Embora isto não fosse esperado, acreditamos que esses valores encontrados, referentes à distância da vogal pretônica em relação à tônica em nosso trabalho, relacionam-se à ocorrência do item com o sufixo -inha, como *cuzinhadinha* (*cozinha*). Do total de 16 ocorrências cuja pretônica alçada dista três sílabas, sete são desse vocábulo com sufixo -inha, o que corresponde a 44% das ocorrências encontradas. Nesse item, o sufixo -inha apenas exerce a força de manutenção do acento subjacente da vogal átona casual, ou seja, daquela que adquire a atonicidade pelo deslocamento do acento na derivação.

O fator distância 4, em razão de apresentar poucos dados, foi eliminado por constituir *knockout* para o alçamento da pretônica /o/. O programa considerou como irrelevante a variável distância da sílaba tônica para o alçamento da pretônica /e/.

3.2.1.6 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

O contexto fonológico precedente ponto de articulação foi a sexta variável escolhida pelo programa como relevante para o alçamento de /o/. A seguir, apresentamos a Tabela 16 com os dados estatísticos, referentes a essa variável.

Tabela 16 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

Ponto de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Labial	126/393	24	0,61
Coronal	52/333	16	0,45
Dorsal	76/630	12	0,43

Input: 0.051

Significance: 0.002

A Tabela 16 revelou quanto ao contexto fonológico precedente: ponto de articulação, que a labial é o fator mais favorecedor para o alçamento da pretônica /o/, com peso relativo de 0,61, como nos exemplos, [m]uleque, [p]ulicial, [b]uneca, [f]ugão; enquanto que a coronal e a dorsal foram desfavorecedoras para a aplicação da regra com pesos relativos abaixo do neutro.

Para Bisol (1981), as labiais também se mostraram favorecedoras para o alçamento de /o/, devido ao fato de apresentarem o traço de labialidade comum à vogal posterior e à consoante labial, fato esse observado em nossa pesquisa.

Na seção seguinte, retomamos a discussão acerca dos fenômenos da harmonização ou de redução vocálica, tendo em vista os grupos de fatores descritos neste capítulo.

3.3 Discussão dos resultados

Nesta seção, retomamos algumas discussões previamente apresentadas no que diz respeito, sobretudo, aos processos fonológicos, redução vocálica ou harmonização vocálica, possivelmente responsáveis pela implementação da regra do alçamento, no falar araguarino. Tendo em vista que a harmonia vocálica envolve a relação entre as vogais da palavra e a redução, diferentemente, envolve a relação entre vogais e consoantes, é necessário retomar o papel desempenhado pelas variáveis vogal da sílaba tônica, bem como o comportamento das variáveis consoantes precedentes e consoantes seguintes.

Segundo a proposta de Bisol (1981), o alçamento é um processo de harmonia vocálica, em que a vogal pretônica média tende a assimilar o traço de altura da vogal seguinte, e, nesse processo, pode haver um espriamento do traço para todas as vogais pretônicas do vocábulo, no entanto, sem fazer saltos.

A partir das análises realizadas na seção anterior, chegamos à conclusão de que a vogal tônica alta favorece a realização das variantes altas [i, u], porém não é propriamente a tonicidade da vogal que determina qual variante será empregada, mas sim a contiguidade. Percebemos que a assimilação do traço de altura da vogal alta é mais recorrente quando essa vogal é contígua e tônica, por exemplo, em: *m[i]n[i]no*, *al[i]gr[i]a*, *p[u]l[i]cia*, *f[u]rm[i]ga*, *m[u]t[i]vo*.

Houve alguns itens com contexto favorável à harmonização, mas o alçamento não aconteceu, como em *d[e]l[i]cia*, *l[e]t[i]vo*, *abs[o]l[u]ta*, *p[o]sit[i]vo*, *s[o]zinha*. Nesses casos e nos casos em que a regra do alçamento se aplicou, embora não houvesse contexto para a harmonização, como *p[i]qu[e]no*, *m[i]lh[o]r*, *m[u]l[ε]que*, corroboram a favor da redução vocálica. Esse processo, segundo Abaurre-Gnerre (1981) torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória da vogal pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes.

Bisol (1981) afirma que o processo de harmonização pode abranger também as variações do timbre da vogal pretônica, contextualizando-se pelas consoantes circunvizinhas, ao invés da sua aplicação pela vogal subsequente.

Não discordando de Bisol (1981), Viegas (1987), também considera, apenas para o alçamento de /o/, a possibilidade de se explicar o alçamento pela redução vocálica, isto é, o alçamento da vogal /o/ constitui um processo de assimilação e diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos adjacentes, assim como sugere Abaurre-Gnerre (1981). Já no caso de /e/, Viegas (op. cit.) discorre que o fenômeno propiciador é a harmonização vocálica, considerando como principal fator favorecedor a presença de vogal alta seguinte, conforme defende Bisol (1981), para o dialeto gaúcho. Nos trabalhos de Célia (2004) e Viana (2008), a harmonização vocálica também é considerada o fenômeno propiciador do alçamento.

Outro ponto que abordamos, neste trabalho, se relaciona à ocorrência de alguns itens cujo alçamento da vogal pretônica não tem explicação estrutural aparente, mas tem possibilidade de estar relacionada à história desses itens. Na palavra *b[i]zerro*, por exemplo, não podemos estabelecer relações entre as vogais, assim teríamos que recorrer a uma explicação de base difusionista, segundo a qual uma mudança sonora é controlada pela restrição lexical, ou seja, atinge somente algumas palavras.

Outro exemplo de ocorrência em que o alçamento propicia uma interpretação desse tipo é em *senhor*. Os itens como *senhor* versus *sinhor* foram realizados nessas duas formas, sendo que a primeira para se referenciar a aspectos religiosos e a segunda como pronome de tratamento.

De acordo com os argumentos apresentados, pode-se dizer que o processo de alçamento das vogais médias pretônicas é variável e se dá por meio de uma assimilação, desencadeada por uma vogal alta imediatamente seguinte à pretônica. No entanto, nem todos os casos de alçamentos registrados encaixam-se nessa descrição, e as vogais pretônicas também sofrem assimilações desencadeadas pelas consoantes a elas adjacentes. Por vezes, os fatores que favorecem o alçamento de /e/ não favorecem o de /o/. É possível que realmente haja algum tipo de condicionamento lexical, mas isso não foi verificado neste trabalho.

Diante do exposto acima, o alçamento de /e/ e o alçamento de /o/ no falar araguarino podem configurar-se, também, por aspectos neogramáticos e difusionistas em aliança, devido ao fato de que tanto o condicionamento fonético quanto a difusão lexical estão em jogo na variação das vogais médias pretônicas.

Em linhas gerais, o alçamento descrito no dialeto araguarino é bem parecido com demais dialetos. Pelo menos no que se refere aos ambientes favorecedores mais relevantes, não existe muita diferença. O que há são algumas variações, como no tipo de consoante adjacente que favorece o alçamento neste ou naquele dialeto. Percebemos que existe uma

diferença no âmbito lexical, quanto às palavras que podem ser alçadas, nem sempre o que é aceito em um dialeto é aceito em outro. Ainda constatamos, a partir de nossos resultados, que embora o alçamento das vogais médias pretônicas seja bastante comum, as variantes mais empregadas são as médias [e] e [o].

No Capítulo 4 seguinte, apresentamos uma análise formal sob a perspectiva da Geometria de Traços Fonológicos para representar o fenômeno de alçamento das vogais médias pretônicas.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE FONOLÓGICA: REPRESENTAÇÃO PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS

Neste capítulo apresentamos a análise do fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas sob a luz da Geometria de Traços Fonológicos, o que possibilitou maior explicação descritiva do processo fonológico da harmonização vocálica. Nessa análise, aplicamos somente os dados de harmonia vocálica à proposta de Clements e Hume (1995) para os resultados encontrados.

4.1. Alçamento das vogais médias pretônicas

Nesta seção, utilizamos o modelo da Geometria de Traços a fim de formalizar a regra de alçamento das vogais médias pretônicas, tomando por base os resultados em que o alçamento das vogais médias pretônicas ocorre por meio de uma regra de harmonização vocálica, desconsiderando, assim, os resultados referentes à redução vocálica. Abordamos, portanto, apenas os dados em que a vogal alta está localizada na sílaba seguinte à vogal pretônica.

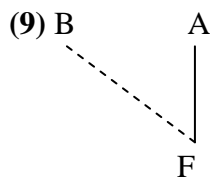
Os modelos autosegmentais manipulam os segmentos não como elementos em sua totalidade, mas como autosegmentos com estrutura interna, em que um processo fonológico pode atingir não o segmento inteiro, mas apenas parte dele, seja por meio de desligamento de uma linha de associação ou de espraçamento de um traço.

Os processos de assimilação são tratados como espraçamento de traços e a representação é feita numa estrutura arbórea em que nós são hierarquicamente dependentes,

de modo que, se uma operação atinge um nó dominante, ela alcançará todos os nós dominados, mas não o contrário.

Valendo-se de uma implementação da fonologia autosegmental – Geometria de Traços Fonológicos – o fenômeno de alçamento das vogais médias pretônicas pode ser representado como uma regra de harmonização vocálica que ocorre a partir de um processo de assimilação, em que a vogal média pretônica assimila a altura da vogal alta da sílaba seguinte, ou seja, a vogal pretônica passa a vogal alta por um processo de assimilação do traço de altura do segmento vizinho.

Segundo Clements e Hume (1995), as regras de assimilação são assim caracterizadas: uma característica de um segmento A propaga-se para um segmento vizinho B. Sendo assim, o segmento vizinho B, ao assimilar uma característica de A, é modificado, conforme ilustrado em (9):



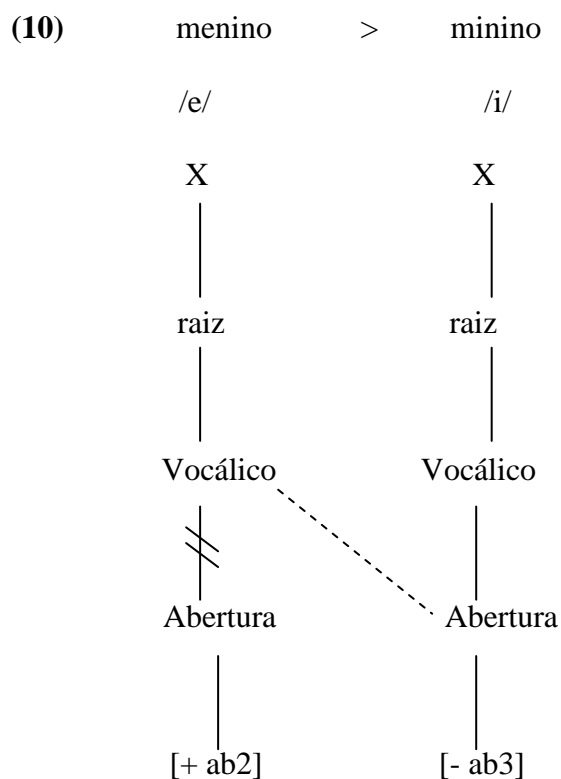
Isso significa que, entre dois segmentos vizinhos, um influencia de alguma forma o outro. Como representado em (9) acima, ocorre uma assimilação regressiva, em que um segmento sofre alteração por influência do segmento seguinte.

Segundo Bisol (1981), a regra de harmonização vocálica é um tipo de assimilação regressiva, visto que a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal alta contígua da sílaba seguinte. Para a autora, a vogal alta necessariamente não precisa estar na sílaba tônica, pois a tonicidade por si mesma é inoperante, já que a vogal alta não atua fora do contexto da contiguidade. Ainda para a pesquisadora, a vogal /i/ tem o poder de causar a elevação de

ambas as vogais médias /e/ e /o/, enquanto a vogal /u/ atua fortemente sobre a vogal /o/, já para a vogal /e/ exerce um poder assimilatório muito fraco.

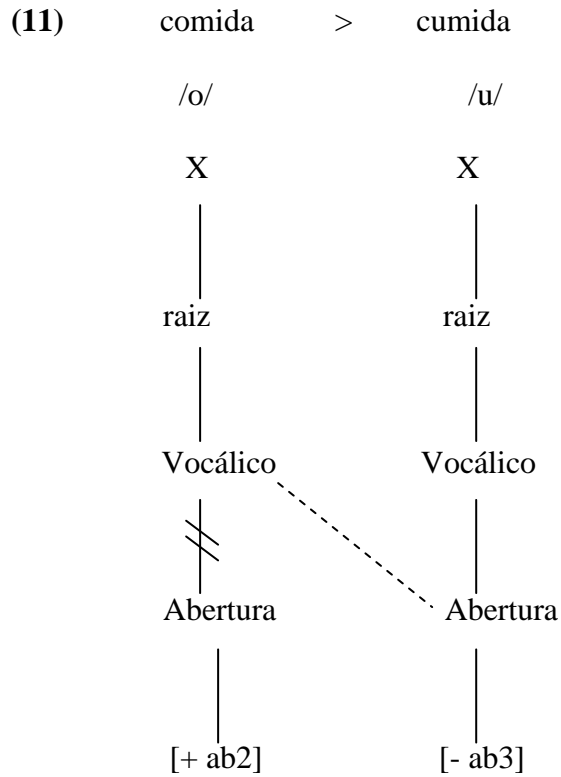
A partir de nossos dados, apresentamos três exemplos que são bem representativos do processo da harmonização vocálica, conforme em (10), (11) e (12), a seguir:

Representação da harmonização vocálica da vogal média pretônica /e/



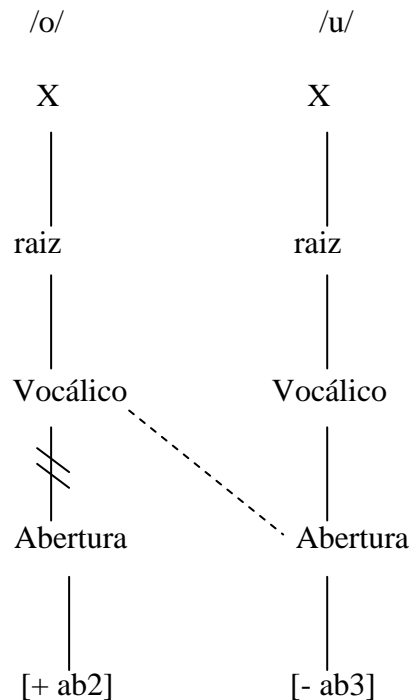
No exemplo apresentado em (10), a vogal pretônica /e/ que tem o traço de altura [+ ab2] assimila o traço [- ab3], ou seja, apenas o nó de abertura da vogal alta /i/, do segmento seguinte, espraia para o nó vocálico da vogal /e/, ocorrendo o desligamento do nó de abertura da vogal /e/. Assim, a vogal média /e/ torna-se vogal alta /i/ diante da vogal alta contígua [i], por meio de um processo de espraçamento, em que a vogal média assimila o traço de altura da vogal alta do segmento seguinte.

Representação da harmonização vocálica da vogal média pretônica /o/



No exemplo apresentado em (11), a vogal pretônica /o/ possui o traço de altura [+ ab2] assimila o traço [- ab3] da vogal alta /i/, ou seja, apenas o nó de abertura da vogal alta /i/, do segmento seguinte, espalha para o nó vocálico da vogal /o/, ocorrendo o desligamento do nó de abertura da vogal /o/. Assim, a vogal média /o/ torna-se vogal alta /u/ diante da vogal alta contígua [i].

(12) acostumada > acostumada



O exemplo apresentado em (12), a vogal pretônica /o/ possui o traço de altura [+ ab2] assimila o traço [- ab3] da vogal alta /u/, ou seja, apenas o nó de abertura da vogal alta /u/, do segmento seguinte, espraia para o nó vocálico da vogal /o/, ocorrendo o desligamento do nó de abertura da vogal /o/. Assim, a vogal média /o/ torna-se vogal alta /u/ diante da vogal alta contígua [u].

Podemos observar que o exemplo (12) não ocorre no mesmo contexto que os exemplos (10) e (11), diante de uma vogal alta /i/ contígua na sílaba tônica, mas, sim, seguida de uma vogal /u/ contígua em sílaba átona, confirmando assim, os resultados de Bisol (1981) para a regra de harmonização vocálica. A regra não ocorre somente quando a vogal alta é contígua e tônica, porém, quando a vogal alta é contígua. E ainda que as vogais altas /i, u/ favorecem o alçamento de /o/, já a vogal alta /i/ é a que mais contribui para o alçamento de /e/.

Em suma, o sistema vocálico pretônico da cidade de Araguari, em se tratando do fenômeno de alçamento, caracteriza-se pela regra de harmonização vocálica, ou seja, por meio de um processo de assimilação regressiva para a pretônica /e/ e /o/, sendo que as operações dessas regras em termos de desligamento e de espraçamento de traços, tornam-se visíveis por meio da aplicação do instrumento-descritivo da Fonologia Autossegmental, sob a perspectiva da Geometria de Traços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta dissertação foi analisar e descrever como se configura o alçamento das vogais médias pretônicas em nomes na cidade de Araguari – MG. A análise e a descrição dos dados trouxeram-nos algumas respostas, confirmações e refutações de hipóteses, bem como nos revelou a complexidade do fenômeno estudado.

Chegamos à conclusão de que o alçamento das pretônicas /e/ e /o/ no falar araguarino se manifesta semelhantemente aos estudos de Bisol (1981), Viegas (1987), Célia (2004), Klunck (2007) apresentados neste trabalho. A partir do estudo com falantes da região e da análise estatística, por meio do programa computacional GoldVarb, mostramos os principais fatores para a realização alçada do /e/ e /o/ no falar araguarino:

- as vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e, o] ou alçadas [i, u] e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal tônica da sílaba seguinte;
- o alçamento das vogais médias pretônicas tem como principal fator favorecedor a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte;
- as consoantes não contínuas em contexto seguinte são favorecedoras apenas ao alçamento de /e/, e as consoantes não contínuas em contexto precedente são favorecedoras apenas ao alçamento de /o/;
- as consoantes dorsais em contexto seguinte são favorecedoras ao alçamento de /e/;
- a vogal pretônica suscetível ao alçamento em sílaba inicial favorece o alçamento de /e/ e /o/;
- as consoantes dorsais em contexto precedente favorecem o alçamento de /e/, e as labiais em contexto precedente favorecem o alçamento de /o/;
- a estrutura silábica aberta (CV) favorece o alçamento de /o/;

- a vogal oral favorece o alçamento de /e/;
- quanto mais a vogal /o/ pretônica estiver mais próxima da sílaba tônica, mais tende a favorecer ao alçamento, como por exemplo em *c[u]mida*, *m[u]tivo*.

As variáveis extralinguísticas foram relevantes apenas para o alçamento de /e/:

- os mais velhos alçam mais que os mais jovens;
- homens alçam mais que mulheres;
- menos escolarizados alçam mais que os mais escolarizados.

Em resposta às perguntas que nortearam essa pesquisa, podemos dizer que o alçamento de /o/ ocorre em estrutura CV, em nomes no falar Araguarino. A vogal média pretônica /o/ sofre mais alçamento do que a vogal /e/.

O alçamento, tanto de /e/ como de /o/, ocorre com mais frequência por fatores linguísticos do que extralinguísticos. No que se refere aos fatores linguísticos, esse fenômeno ocorre por harmonia vocálica, tanto na vogal /e/ quanto na vogal /o/.

Observamos também que alguns itens propensos ao alçamento por harmonia vocálica não alçaram; alguns itens alçaram, apesar de não apresentarem condicionamento fonético para o alçamento, por exemplo, *bizerro*; há oscilações de alçamento e não alçamento em itens lexicais como *sinhor*.

A nasalidade não favorece o alçamento das vogais médias pretônicas; quanto mais próxima a pretônica estiver da tônica, mais propensa ao alçamento; as labiais em contexto fonológico precedente favorecem o alçamento de /o/, e as dorsais o de /e/; as dorsais em contexto fonológico seguinte favorecem o alçamento de /e/. Os fatores extralinguísticos, faixa etária, anos de escolaridade e sexo, favoreceram apenas o alçamento de /e/.

Vejamos, no quadro abaixo, um resumo das variáveis que favorecem o alçamento de /e/ e de /o/ em Araguari:

<i>Variável analisada</i>	<i>Alçamento da vogal pretônica /e/</i>	<i>Alçamento da vogal pretônica /o/</i>
Vogal da sílaba tônica	Vogais altas	Vogais altas
Vogal da sílaba precedente à vogal pretônica	Ausência de vogal (sílabas inicial)	Ausência de vogal (sílabas inicial)
Conteúdo fonológico precedente: ponto de articulação	Consoantes dorsais	Consoantes labiais
Conteúdo fonológico precedente: modo de articulação	Não favorece o alçamento	Consoante não contínua
Conteúdo fonológico seguinte: ponto de articulação	Consoantes dorsais	Não favorece o alçamento
Conteúdo fonológico seguinte: modo de articulação	Consoante não contínua	Não favorece o alçamento
Nasalidade	Vogais orais	Não favorece o alçamento
Tipo de sílaba da vogal média pretônica	Não favorece o alçamento	Sílabas abertas
Distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica	Não favorece o alçamento	Distância três
Variável extralinguística: sexo	Sexo masculino	Não favorece o alçamento
Variável extralinguística: faixa etária	Leve tendência para os falantes com 26 a 49 anos	Não favorece o alçamento
Variável extralinguística: anos de escolaridade	Falantes com grau de escolaridade entre 0 a 11 anos de estudo	Não favorece o alçamento

Além das considerações acima, acreditamos que, com esta pesquisa, contribuímos para a descrição das vogais médias pretônicas no falar araguarino e para a documentação constituindo parcialmente um banco de dados relativo ao dialeto envolvido. Ademais, esperamos que novos trabalhos possam surgir a partir de nossas análises.

Vale destacar, ainda, que nosso trabalho contribuirá para alicerçar os professores de Língua Portuguesa que atuam nos ensino Fundamental, Médio e Superior, quanto à variação linguística, muitas vezes, ignorada nos materiais instrucionais de ensino.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.

BATTISTI, E. e VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 159-194.

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. A neutralização das átonas. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.

_____. e MAGALHÃES, J. S. A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições. **Revista da ABRALIN**, v. 3, n. 1 e 2, p. 195-216, jul./dez. 2004.

CALLOU, D.; MORAES, J. e LEITE, Y. O Vocalismo do Português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 27-40, 1996.

CALLOU, D; MORAES, J. e LEITE, Y. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 9-24, mar. 2002.

CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Para o estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. **História da linguística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 73-78.

CARDOSO, S. A. M. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: UEL, 1999. p. 93-108.

CELIA, G. F. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia**. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. **Handbook of phonology theory**. USA: Blackwell, 2001.

COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 91-123.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FREITAG, R. M. K.; MITTMANN, M. M. **GoldVarb 2001**: comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. 5º Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, 2005. 34 p.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa** - instrumental de análise. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEE, S. H.; OLIVEIRA, M. A. de. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: um problema para a Teoria Fonológica. In: OLIVEIRA, Dermeval da Hora; COLLISCHONN, Gisela. (Org.). **Teoria Linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa, 2003, p. 67-91.

MARQUES, S. M. O. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MATZENAUER, C. L. B. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 11-89.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 31-41, jul/dez. 1992.

_____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 75-92, jan/jun. 1995.

RIBEIRO, D. F. S. **Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais**: uma abordagem difusionista. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SCHWINDT, L. C. S. **Harmonia vocálica em dialetos do Sul do País**: uma análise variacionista. 1995. 76 f. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SILVA, A. M. et al. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SILVA, G. M. de O. e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

SILVA, M. B. **As pretônicas no falar baiano**. 1989. 371 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVEIRA, A. A. M. da. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. O alçamento de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 307-318, dez. 2003.

WETZELS, L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 23. p. 19-55, 1992.

WIKIPEDIA. **Araguari**. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Araguari.svg>. Acesso em: 03 maio 2010.

ANEXO

ANEXO 1 – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO - VALPB

Normas de Transcrição - VALPB

Na transcrição dos dados foram utilizadas as normas apresentadas a seguir:

1) Pausas e interrupções: +

2) Dúvida quanto à palavra: a palavra sob dúvida está entre colchetes angulares < >

Ex.: Ele <andava> muito.

3) Cruzamento de vozes: os enunciados pronunciados por dois falantes ao mesmo tempo são sublinhados.

Ex.: Que legal!

4) Pontuação:

4.1 ponto de interrogação nas frase interrogativas e o de exclamação em frases exclamativas são mantidos.

Ex.: Aí, eu falei: que bom! Então ele perguntou: - onde você estava?

4.2 os outros sinais de pontuação também são mantidos.

5) Alongamento de vogal: após a vogal alongadas são colocados dois pontos.

Ex.: Ele gostava, e co:mo gostava!

6) Silabação: para indicar a silabação é colocado o hífen no meio da palavra.

Ex.: ca-fé, ca-mi-nha-da etc.

7) Repetições: letras ou sílabas repetidas são transcritas.

Ex.: Aí, e e ele foi pra casa de de Carlos.

8) Palavra incompleta: a palavra repetida está entre colchetes [].

Ex.: Ele comprou um [carr], uma bicicleta.

9) Comentários do transcritor: atitudes não linguísticas do informante estão entre parênteses.

Ex.: Ele gosta de mim (risos).

10) Intrusão de outro informantes: o comentário está entre barras / /.

Ex.: F1 Ah, eu acho isso muito bom, /ah, eu também acho/ mas meu pai não gosta.

11) Palavra ou trecho ininteligível: comentário está entre chaves { }.

Ex.: Maria queria comprar {inint}, a mãe dela falou que não queria.

Na transcrição dos dados, foram mantidos:

a) Os apagamentos: no lugar do segmento apagado consta zero .

Ex.: 'mesmo' = meOmo, 'brincando' = brincanOo, 'rapaz' = rapayO etc.

b) Ausência de marca de concordância: também foi colocado zero .

Ex.: 'As casas bonitas' = As casaO bonitaO...

c) Itens lexicais que fazem parte da fala coloquial são mantidos.

Ex.: vixi, num, cum, ni, vissi etc.

d) Segmentos epentéticos são colocados.

Ex.: Luyz, fayz, avoar, cawso etc. Quando a inserção for de glide, aparece "y" ou "w".

e) Casos de apagamento silábico são mantidos.

Ex.: tava, ta etc.

f) As monotongações são transcritas.

Ex.: 'O rapaz roubou o ouro' = O rapaz robô o oro. O acento deve ser colocado para evitar ambiguidade com outra forma existente, caso "roubo" .

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

a) TEMA: infância

- Onde você foi criado? Conte como foi sua criação.
- Como foi sua infância?
- Como era seu relacionamento familiar?
- Quais são suas melhores lembranças? Por quê?
- Qual era seu maior medo na infância? Por quê?
- E hoje, qual é seu maior medo? Por quê?

b) TEMA: família

- a) Como é seu relacionamento com sua família? Comente.
- b) Você acha que a relação familiar mudou hoje? Por quê?
- c) Qual é a sua concepção de família?

c) TEMA: escola

- Como foram seus anos de estudos?
- Você gostava de estudar? Por quê?
- Como você vê o papel da escola?

d) TEMA: município

- Como é seu município?
- Como você vê a administração de sua cidade? Dê sua opinião.
- O que você mais gosta de fazer na sua cidade?

e) TEMA: casamento

- Como você conheceu seu esposo (sua esposa)?
- Conte como foi seu casamento.
- Se hoje você não fosse casado(a), você faria tudo de novo? Por quê?
- De que forma você definiria o casamento atual? Por quê?
- Você é a favor ou contra o divórcio? Por quê?
- Você já perdoou ou perdoaria uma traição?

f) TEMA: religião

- Qual é a sua concepção de Deus?
- Qual é sua religião? Comente sobre ela.
- Como você vê as demais religiões? Por quê?
- Se você não tem nenhuma religião ao menos você crê em Deus? Por quê? Comente.
- Você tem algum tipo de preconceito entre certas religiões? Que preconceitos são esses? Comente.
- Você acredita em milagres? Por quê?

g) TEMA: comida

- Você gosta de cozinhar? O quê? Como é feito esse prato?
- Você come de tudo? Do que você mais e menos gosta?
- O que é alimentação saudável para você?

h) TEMA: trabalho

- Em que você trabalha? Você se considera uma pessoa realizada profissionalmente? Por quê?

- Quais são suas metas no campo profissional? Você já cumpriu todas? Comente.
- Você já teve problemas com pessoas que fazem parte de seu ambiente de trabalho? Comente.
- Se você pudesse escolher outro trabalho, qual seria e por quê?
- Você já esteve desempregado em alguma época de sua vida? Conte para nós como foi esse momento?
- Você acha que é fácil ter um emprego hoje em dia?

i) TEMA: lazer

- O que você gosta de fazer para se descontrair? Comente.
- Você prefere ler um livro ou ir para algum lugar? Por quê?
- Teve algum livro que foi especial para você? Por quê?
- Você gosta de fazenda? Por quê?
- Você lembra alguma viagem que marcou a sua vida? Comente um pouco.
- Qual tipo de programa de televisão você gosta de ver? Por quê? E qual você detesta? Por quê?
- Você torce por algum time de futebol? Qual? Costuma assistir todos os jogos do seu time?

j) TEMA: perigo de vida

- Você ou alguém da sua família já teve alguma doença grave?
- Você já esteve em alguma situação em que pensou que iria morrer? Comente como foi isso.
- Você tem medo da morte? Por quê?
- Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?
- Se você soubesse que iria morrer amanhã o que você faria?

k) TEMA: aspirações

- Se você ganhasse sozinho o prêmio da Mega Sena, o que você faria?
- Você acha que o dinheiro traz felicidade?
- Qual é o maior sonho de sua vida?

APÊNDICE B – FICHA SOCIAL

FICHA SOCIAL
Informante x – () masculino () feminino
Idade:
Escolaridade:
Cidade em que nasceu:
Cidade em que seu pai nasceu:
Cidade em que sua mãe nasceu:
Tem computador: () sim () não
Possui acesso à internet banda larga: () sim () não
É sócio de algum clube? () sim () não
Qual?
Data da entrevista: